

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATRINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS – CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

RODRIGO DUARTE FERRARI

**CICLOPOIESIS – UMA REFLEXÃO SOBRE O MOVIMENTO HUMANO, A
BIOLOGIA DO CONHECER E DO AMAR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Departamento de Educação Física do Centro de Desportos da UFSC.

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso

Florianópolis, 30 de novembro de 2007

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO DUARTE FERRARI

**CICLOPOIESIS – UMA REFLEXÃO SOBRE O MOVIMENTO HUMANO, A
BIOLOGIA DO CONHECER E DO AMAR**

**Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de grau de
Licenciado em Educação Física, no Curso de Educação Física do Centro de
Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, pela seguinte
Banca Examinadora:**

Orientador: Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso

Membro: Prof. Dr. Elenor Kunz

Membro: Prof. Dr. Giovani de Lorenzi Pires

Membro: Prof. Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt

Florianópolis, 30 de novembro de 2007

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO

1.1-Problematização.....	01
1.2-Justificativa.....	08
1.3-Objetivos.....	11

2 - FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1-Reflexões epistemológicas.....	13
2.2-Responsabilidade do observador.....	16
2.3-Autopoiésis e “se transportar” de bicicleta.....	20
2.4-Nossa história biológica coletiva.....	23
2.5-Nossa história biológica individual.....	29
2.6-Como aprendemos a “se movimentar” de bicicleta?.....	30
2.7-“Se transportando” de bicicleta em domínios consensuais.....	34
2.8-Coordenação de ações e emoções de uma “ciclovagem”.....	38

3 - FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1-Etnografia.....	39
3.2-Planejamento da viagem de bicicleta.....	41
3.3-Técnicas investigativas.....	43
3.3.1-Observação participante.....	43
3.3.2-Entrevistas ou re-encontros.....	44
3.3.3-Análise de documentos.....	45
3.4-Organização das informações.....	46
3.4.1-Coerências interpretativas.....	46

4-INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	
4.1-Bicicletas e transformações culturais.....	48
4.2-“Se transportando” de bicicleta na cultura ocidental moderna.....	64
4.2.1-Influências patriarcais entre o grupo.....	65
4.2.2-Contrastes entre o grupo e a cultura ocidental moderna.....	71
5-CONSIDERAÇÕES.....	75
6-REFERÊNCIAS.....	82
ANEXOS	
1. Diário de campo sistematizado.....	85
2. Mapas das duas “Ciclovagens”.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	07
------------------	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	18
Figura 2 -	19
Figura 3 -	23
Figura 4 -	27

AGRADECIMENTOS

Agradeço à meus pais (Marcos Ferrari e Lídia Duarte Ferrari) pela oportunidade de estar vivo, ser amado e aprender a amar, à meus irmãos (Marcus Vinícius Ferrari e Michelli Duarte Ferrari) pela amizade e amor sincero, à mulher que preencheu meu “coração” (Luciana Holanda) de paixão, amor e plenitude, à meu sogro e sogra (Valdomiro Machoski e Maria Lucimar Holanda M.) que sempre me consideraram como à um filho, à meus cunhados e cunhadas (Fernando, Ricardo, Maria Cristina, Aline e Jussara) pela amizade, à meus sobrinhos (William, Arthur e Camilie) por serem os filhos que ainda não tenho, à meus amigos (Vitor, Zinner, Nazir e Eduardo Bunnig) por tudo que vivemos e que ainda vamos viver, aos meus “mestres” da UFSC (Cardoso, Kunz e Giovani) por todas as nossas “viagens pelas estradas do conhecimento” e todos os professores que contribuíram com meu processo de formação e finalmente à Maturana e todos do Instituto Matristico por me ajudarem a “abandonar minha tonelada de repolho”.

RESUMO

Essa pesquisa é uma tentativa de iniciar um processo de compreensão do Movimento Humano, especificamente do “se movimentar” de bicicleta durante uma viagem, a partir da Biologia do Conhecer e do Amar, que é como o biólogo chileno Humberto Maturana denomina o conjunto de sua obra. Para realizar tal tarefa, organizamos e realizamos uma “Cicloviagem” durante janeiro e fevereiro de 2007, em que participamos como integrantes e pesquisadores de um grupo de “Cicloviajantes” que promove a utilização da bicicleta como meio de transporte e outras ações e reflexões relacionadas a esse tema. No decorrer da “Cicloviagem” e do processo investigativo, observamos que as formas hegemônicas das redes de conversações que definem nossa cultura de movimento ocidental são estabelecidas através de relações competitivas, porém, percebemos que nossas experiências possuíam características específicas que não se alinhavam com essas relações citadas anteriormente. Nesse contexto, decidimos percorrer o caminho explicativo biológico e cultural proposto por Humberto Maturana, para tentar compreender com mais profundidade alguns aspectos relevantes do “se movimentar” de bicicleta numa viagem e de nossa cultura de movimento ocidental, pois acreditamos que essas reflexões podem contribuir com o processo de construção do conhecimento no campo da Educação Física e do Movimento Humano.

Palavras Chave: Movimento Humano, Biologia do Conhecer e do Amar, “Cicloviagem”.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Problematização

Essa pesquisa é uma investigação sobre um grupo de pessoas que realizou uma viagem de bicicleta nos primeiros meses de 2007, onde participei como integrante desse grupo (objeto de pesquisa) e pesquisador. Consideramos que esse grupo constituiu uma rede de interações com características específicas, num contexto mais amplo da cultura de movimento ocidental moderna.

Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004), a palavra cultura possui o mesmo significado que redes de conversações, essas se referem ao modo de viver que surgiu entre nossos ancestrais primatas e se conservou geração após geração na forma como nós, seres humanos, existimos até os dias de hoje. Esse modo de viver foi se constituindo através do entrelaçamento entre o “linguajar e o emocionar”¹ dos seres humanos, que Maturana (1978), primeiramente denominou de conversar. Portanto, para o autor uma cultura é uma rede de conversações que se conserva durante gerações.

Desde o início da viagem, a proposta intencional de viver um contexto de interações diferente do “se movimentar” hegemônico, já estava presente entre nós numa condição ainda embrionária, que foi amadurecendo durante o processo de nossas experiências. No quinto dia de viagem, 9 de janeiro de 2007, percebemos que já estávamos vivendo experiências com características próprias, que já evocavam reflexões sobre os significados de nossas ações no contexto mais amplo da cultura de movimento ocidental moderna.

¹ Maturana (2006) utiliza esses verbos para enfatizar a ação envolvida nesse fenômeno, que serão explicados com mais profundidade no item Fundamentos Teóricos desse trabalho.

Nesse dia nos encontramos com o Dr. Humberto Maturana² e sua equipe³ de pesquisadores nas dependências do Instituto Matriztico⁴, localizado no centro de Santiago do Chile, para participar de uma reflexão sobre a relação entre as nossas experiências e a Biologia do Conhecer e Amar. As reflexões que ocorreram nessa ocasião se tornaram a origem de diversas outras reflexões que foram surgindo em nosso cotidiano, evidenciando gradualmente a importância biológica e cultural de viver nossas experiências na aceitação de si e do outro como legítimo na convivência.

Todo ato humano ocorre na linguagem. Todo ato na linguagem produz o mundo que se cria com outros no ato de convivência que dá origem ao humano: por isso, todo ato humano tem sentido ético. Esse vínculo do humano com o humano é, em última análise, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro. (MATURANA & VARELA, 1995, p. 263)

Dessa forma, compreendemos que o sentido ético de nossas ações está fundado na condição de aceitação do outro como legítimo na convivência, através da compreensão de que nossas ações fazem parte de um contexto mais amplo, que envolve o planeta enquanto unidade de interações e relações. Porém, segundo Maturana e Verden-Zöller (2004), apesar da simplicidade de nossa condição constitutiva, vivemos em nossa cultura ocidental moderna um modo de existência de negação da natureza e do outro, que se manifesta através de nossas ações e desejos de controle e dominação, causando sofrimento e destruição ecológica.

² Humberto Maturana Romesín, nascido em Santiago do Chile em 1928, iniciou seus estudos superiores como aluno da Faculdade de Medicina de Santiago do Chile. Antes de formar-se foi estudar Anatomia na Inglaterra com J. Z. Young, e em 1958 obteve seu Ph.D. em Biologia na Universidade de Harvard. Entre seus inúmeros prêmios e distinções, destacam-se o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Bruxelas, o prêmio McCulloch da Sociedade Americana de Cibernética, e o Prêmio Nacional de Ciências da Academia Nacional de Ciências do Chile. (MATURANA, 2006)

³ Estavam presentes nesse encontro Patricio Garcia, Ximena Dávila Yáñez e Inácio Ignacio Muñoz Cristi.

⁴ O Instituto Matriztico foi fundado por Humberto Maturana e Ximena Dávila Yáñez em Santiago do Chile – “Laboratorio reflexivo humano que abre un espacio de formación en la Matriz Biológica de la Existencia Humana a través de diferentes espacios reflexivos y de acción, en los que vivimos y convivimos en un proceso de transformación en la convivencia en torno al Arte y Ciencia del Pensar Ontológico Constitutivo.” Disponível em <<http://www.matriztica.org/htdocs/familia.lasso>>

Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004) a humanidade surgiu com a conservação de um modo de viver centrado na aceitação de si e do outro como legítimo na convivência, que eles denominam de cultura Matrística. Fundamentados em estudos arqueológicos, os autores explicam que esse modo de viver foi parcialmente destruído à aproximadamente sete mil anos, por uma cultura com características diferentes, centrada na apropriação, hierarquia, inimizade, guerra, luta, obediência, dominação e controle, mas foi preservado até os dias de hoje através das relações entre mães e filhos durante o período da infância. Os autores denominam esse modo de viver como cultura Patriarcal, que se tornou o fundamento constituinte da cultura ocidental moderna, centrada em relações de produção.

Numa cultura centrada na produção – como é ou se tornou nossa cultura ocidental -, aprendemos a nos orientar para a produção em tudo que fazemos, como se isso fosse algo natural. Nessa cultura, não fazemos apenas o que fazemos. Trabalhamos para alcançar um fim. Não descansamos simplesmente, nós o fazemos com o propósito de recuperar energias; não comemos simplesmente; ingerimos alimentos nutritivos; não brincamos simplesmente com nossas crianças, nós a preparamos para o futuro. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.143)

No Instituto Matrístico, Maturana e sua equipe nos ajudaram a refletir sobre o significado de nossas ações e a possibilidade que o “se transportar”⁵ de bicicleta abria, no contexto que estávamos imersos, enquanto oportunidade de deslocamento de nossas atenções, para experimentar o fluir natural de nossas coexistências, sem criar expectativas sobre o resultado, ou produto de nossas experiências. Reflexões que estão intimamente relacionadas com uma perspectiva crítica da Educação Física, que está comprometida com um projeto de transformação dos valores culturais vinculados às práticas esportivas, questionando a perspectiva cultural hegemônica que valoriza o produto de nossas ações, que se manifestam principalmente através das práticas e pesquisas relacionadas ao esporte institucionalizado.

⁵ Nessa pesquisa vamos nos apropriar da concepção de Jan Tamboer (1979) a respeito do objeto de estudo da Educação Física e das Ciências dos Esportes, que é constituída pelo diálogo entre o ser humano e o mundo através do “se-movimentar”. Muitas vezes também utilizaremos a palavra “se transportar” como extensão e adaptação dessa concepção, cujo principal significado é enfatizar o sujeito que “se movimenta” (“se transporta”).

Constatamos que o que falta a partir do interior do campo de investigação da Educação Física, é uma reflexão sobre a competição e a respectiva compreensão da competição esportiva como uma manifestação da cultura de movimento integrante do processo civilizador, dados esses pesquisados por Elias & Dunning (1992), quando esclarecem o esporte (e aqui ele se refere ao futebol) no interior da cultura inglesa no início da era moderna, caracterizada como os primeiros passos da era industrial e esse modelo esportivo mais sendo espalhado ‘mundo afora’, ou seja, para todas as culturas que passam a integrar a ‘era industrial’.

Segundo Bracht (2003), o esporte moderno é um fenômeno sócio-cultural dinâmico, que surgiu na Europa do século XVIII e expandiu-se pela cultura ocidental moderna com rapidez. Segundo o autor, o que define o esporte são as seguintes características: competição; rendimento físico-técnico; busca pelo *record*; racionalização; e abordagem científica do treinamento.

A nossa segunda reflexão sobre essa pesquisa, surgiu em relação aos significados do “se transportar” de bicicleta no contexto cultural ocidental moderno. Segundo dados publicados pela revista da Folha de São Paulo⁶, no dia 22 de setembro de 2007, existiam aproximadamente 60 milhões de bicicletas no Brasil e apenas 2 500 km de ciclovias, em comparação com uma frota de aproximadamente 29 milhões de automóveis, que usufruem de todo um sistema viário planejado exclusivamente para esses veículos. Esse artigo revela que 53% dessas bicicletas brasileiras são utilizadas como meio de transporte e apenas 2,7% são utilizadas em viagens.

Desses dados podemos concluir que a utilização dos automóveis é uma preferência política e cultural dos brasileiros, talvez da cultura ocidental moderna em geral? Segundo o Quarto Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (2007), sabemos que os automóveis representam uma grande porcentagem das emissões de gases poluentes que contribuem com o processo de aquecimento global. Nesse cenário, “se transportar” de

⁶ <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2209200728.htm>

bicicleta além de ser uma ação concreta de cuidado com a qualidade do ar que respiramos, promoção da saúde individual e coletiva e promoção de uma ocupação mais inteligente dos espaços públicos, compreendemos que essa prática pode assumir diferentes significados no contexto cultural hegemônico e no campo da Educação Física, já constituindo uma forma diferente de se relacionar consigo mesmo e com o meio.

Os nomes mais comuns no Brasil dessas experiências caracterizadas pelo “se transportar” de bicicleta numa viagem, que acabamos de descrever brevemente são: Cicloturismo e Cicloviagem. Nessa pesquisa utilizamos o nome Cicloviagem, e ressaltamos que nossa escolha não pretende causar conflitos ou classificar os integrantes desses grupos como Cicloturistas ou Cicloviajantes. Nosso objetivo é apenas reconhecer e utilizar um nome que denote nossas experiências, e aproveitar para estimular reflexões posteriores em relação ao tema, numa linha crítica em relação ao conceito de turismo em nossa cultura ocidental moderna.

Enfim, observamos que quando viajamos de bicicleta vivemos um determinado contexto onde agimos de forma específica, podendo surgir diferentes significados sobre uma mesma ação. De acordo com a nossa abordagem, que se sustenta principalmente na compreensão de Maturana (2004) sobre as ações que realizamos como seres vivos, o que pode caracterizar uma cultura, são as ações e emoções presentes na dinâmica das redes de conversações que se estabelecem recorrentemente em um grupo de seres humanos, sendo que o emocional exerce uma função essencial nesse processo.

Na história da humanidade, as emoções preexistem à linguagem, porque como modos distintos de mover-se na relação são constitutivas do animal. Cada vez que distinguimos uma emoção em nós mesmos ou em outro animal, fazemos uma apreciação das ações possíveis desse ser. As diversas palavras que usamos para referir-nos a distintas emoções denominam, respectivamente, os domínios de ações em que nós ou os outros animais nos movemos ou podemos mover-nos. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 32)

Quando Maturana (2005) utiliza a palavra emoções ou emocionar, está se referindo às disposições corporais de um ser vivo, essas podem ser entendidas também como um domínio de ações possíveis. O autor sustenta que não existe qualquer ação de um ser vivo, inclusive nós, seres humanos, sem que haja a presença de uma emoção que seja o fundamento daquela ação. Nesse caminho explicativo o amor surge como o emocionar constituinte de um modo de agir centrado na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência, sendo que, foi à presença desses emocionar em nossa história evolutiva, que criou as condições para o surgimento e estabelecimento da linguagem, e conseqüentemente da humanidade.

Para Maturana (1978), o fenômeno que distinguimos como linguagem são coordenações de coordenações consensuais de comportamentos, o autor prefere utilizar a palavra linguajar para se referir a esse fenômeno, porque segundo Magro et alii (2002), essa opção em utilizar substantivos deverbiais possibilita uma compreensão mais fiel da sua forma de compreender e explicar a fenomenologia humana.

No mesmo artigo o autor explica sua compreensão do que seriam conversações ou redes de conversações, mas optamos por citar um trecho de Maturana & Verden-Zöller (2004) na íntegra, devido à importância dessa compreensão em nossa pesquisa:

Além disso, penso que ao surgir como um modo de operar na convivência, o linguajar apareceu necessariamente entrelaçado com o emocionar. Constituiu-se de fato o viver na linguagem, a convivência em coordenações de coordenações de ações e emoções que chamo de conversar (Maturana, 1988). Por isso penso que, num sentido estrito, o humano surgiu quando nossos ancestrais começaram a viver no conversar como uma maneira cotidiana de vida que se conservou, geração após geração, pela aprendizagem dos filhos. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 31).

Através de um exame mais detalhado de dois casos específicos, como o da cultura ocidental moderna, uma manifestação da cultura Patriarcal/Matriarcal, e outro como a cultura que a precedeu - de acordo com (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004 apud Gimbutas) - denominada de cultura Matrística.

Os autores vão além e descrevem as principais características das emoções e ações que configuram essas culturas. São elas:

Quadro 1 – Conversações Matrísticas e Patriarcais

Conversações definidoras da Cultura Patriarcal/Matriarcal	Conversações definidoras da Cultura Matrística
<ul style="list-style-type: none"> - De apropriação - Nas quais a fertilidade surge como uma noção que valoriza a procriação, num processo contínuo de crescimento. - Nas quais a sexualidade das mulheres se associa à procriação e fica o controle do patriarca. - Nas quais se valoriza a procriação e se abomina qualquer noção ou ação de controle da natalidade e regulação do crescimento populacional. - <i>Nas quais a guerra e a competição surgem como modos naturais de convivência, e também como valores e virtudes.</i> - <i>Nas quais o místico é vivido em relação à subordinação a uma autoridade cósmica e transcendental, que requer obediência e submissão.</i> - <i>Nas quais os deuses surgem como autoridades normativas arbitrárias, que exigem total submissão e obediência.</i> - <i>Nas quais o pensamento é linear e vivido na exigência de submissão e autoridade na negação do diferente.</i> - <i>Nas quais as relações interpessoais surgem baseadas principalmente na autoridade, controle e obediência.</i> - <i>Nas quais o viver Patriarcal de homens, mulheres e crianças surge, ao longo de toda a vida, como um processo natural.</i> - Nas quais não aparece uma oposição intrínseca entre homens e mulheres, mas se subordina a mulher ao homem, pela apropriação da procriação como valor. 	<ul style="list-style-type: none"> - De participação - Nas quais a fertilidade surge como a visão de abundância harmoniosa de todas as coisas vivas, numa rede coerente de processos cíclicos de nascimento e morte. - Nas quais a sexualidade das mulheres e dos homens surge como um ato associado à sensualidade e à ternura. - Nas quais se respeita a procriação e se aceitam situações de controle da natalidade e de regulação do crescimento populacional. - <i>Nas quais surgem a valorização da cooperação e do companheirismo como modos naturais de convivência.</i> - <i>Nas quais o místico surge como participação consciente na realização e conservação da harmonia de toda a existência, no ciclo contínuo e coerente da vida e da morte.</i> - <i>Nas quais as deusas surgem como relações de evocação da geração e conservação da harmonia de toda a existência, na legitimidade de tudo que há nela, e não como autoridades e poderes.</i> - <i>Nas quais o pensamento é sistêmico e é vivido no convite à reflexão diante do diferente.</i> - <i>Nas quais as relações interpessoais surgem baseadas principalmente no acordo, cooperação e co-inspiração.</i> - <i>Nas quais o viver Matrístico de homens, mulheres e crianças surge, ao longo de toda a vida, com um processo natural.</i> - Nas quais não aparece uma oposição entre homens e mulheres nem subordinação entre uns e outros.

Fonte: Maturana, H. & Verden-Zöllner, E. **Amar e Brincar**. 2004, p. 75-6..

Finalmente, observamos que a problemática dessa investigação foi se constituindo durante todo o processo de nossas experiências, que se iniciou com uma intencionalidade comum do grupo de “se transportar” de bicicleta durante uma viagem, e de ampliar o significado dessas ações e emoções, buscando uma compreensão mais densa sobre nossas experiências, no campo investigativo do Movimento Humano. Nesse contexto, a Biologia do Conhecer e do Amar, e a disponibilidade do Instituto Matrízico em nos ajudar nessa caminhada, foram centrais no processo de elaboração dessa pesquisa, pois foi justamente através de nossa aproximação desse referencial teórico e dessas pessoas, que se tornou viável a abordagem desse tema, numa perspectiva capaz de explicar e despertar outras reflexões relacionadas com o processo biológico e cultural de constituição dos seres humanos, para que possamos compreender e agir de acordo com nossa Matriz Biológica Existencial Humana, ‘o amar’.

Sendo assim, as questões que orientam esse estudo são: Como, quando e onde surgiram as redes de conversações que caracterizaram a dinâmica das experiências do grupo, e como se manifestaram os contrastes culturais entre as redes de conversações Matrística e Patriarcal? Quais são os significados dessas redes de conversações no campo da Educação Física e no contexto cultural hegemônico?

1.2 Justificativa

A importância dessa pesquisa no campo da Educação Física é a criação de uma abertura da possibilidade de compreensão do fenômeno de “se transportar” de bicicleta através de uma perspectiva da Biologia do Conhecer e do Amar. Segundo Kunz (2001), as pesquisas em nossa área, geralmente estão fundamentadas num paradigma científico reducionista, que se limita em verificar, analisar e compreender os mecanismos fisiológicos dos seres humanos, visando o aumento da eficiência, do condicionamento físico ou da qualidade de vida, promovendo uma compreensão limitada do Movimento Humano.

Parte desses problemas ocorrem em função da subordinação dos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores a um certo modelo biomédico que se mostrou reducionista no trato com o corpo e com as práticas corporais; uma certa coisificação ou instrumentalização do corpo para atingir certos fins, alterando a condição de sujeito para a de objeto no processo de educação e saúde. (SILVA & DAMIANI, 2005, p. 20)

Nessa busca pela superação desses limites apontados, compreendemos que o conjunto da obra de Maturana é uma grande possibilidade de contribuição para o campo da Educação Física e Ciências dos Esportes, pois segundo Maturana & Pörksen (2004), todo seu trabalho se origina no questionamento sobre as características que definem um sistema vivo, e percorre um caminho explicativo que possibilita um entendimento mais próximo entre os aspectos biológicos e culturais do processo constitutivo dos seres humanos, superando o reducionismo biológico tradicional utilizado pelas concepções citadas anteriormente.

Trebels & Kunz (2006) também afirmam a importância do reconhecimento de que somos seres biológicos e culturais, e ressaltam que não podemos esquecer como pesquisadores, que nossos domínios operacionais (Fisiológico) e relacionais (Cultural) estão entrelaçados de tal forma, que devemos realizar um esforço para compreender esses dois domínios interdependentes, no entanto como um todo.

Por esse motivo, entendemos que nossa pesquisa é uma abordagem que se aproxima do pensamento complexo⁷, através do reconhecimento das inter-relações entre os aspectos biológicos e culturais no domínio explicativo científico, apesar do conhecimento das dificuldades teóricas que existem em torno desse tema. Segundo Daolio (1997), historicamente existe uma separação entre as áreas biológicas e humanas no campo da Educação Física, e mesmo numa tentativa de reconhecimento do valor de cada uma, sempre separamos esses dois domínios como aspectos que devem ser estudados separadamente, que podem ser ilustradas através desse discurso:

Não é intenção de Weizsäcker negar as abordagens da anatomia e da fisiologia, de acordo com as ciências médicas tradicionais. Ele as estende

⁷ **Las Contribuciones de Humberto Maturana a las Ciencias de la Complejidad y la Psicología** - por Alfredo Ruiz – disponível em <<http://www.inteco.cl/articulos/005/index.htm>>.

como necessárias e como premissas científicas preparatórias. Com relação ao organismo vivo, porém, este conceito não está em condições de descrever atos biológicos como tais, de forma suficiente e satisfatória. Eles apenas oferecem suas condições de existência. Como pré-condição indispensável – e simultaneamente para a constituição de um organismo e sua funcionalidade – ela abre espaço para a conduta que cada um, individualmente pode preencher. (TREBELS & KUNZ, 2006, p. 28).

Concordamos com esses autores, mas reconhecemos os méritos de Maturana & Varela (1995), e de Maturana & Verden-Zöller (2004) no sentido de apontar um caminho de compreensão capaz de unir o biológico e o cultural como um sistema complexo interdependente, que distingue esses dois domínios como separados, mas também distingue e explica as relações entre os dois.

Segundo a perspectiva de Tamboer (1970) o “se movimentar” é um diálogo entre os seres humanos e o mundo. Portanto, “se movimentar” de bicicleta através da perspectiva da Biologia do Conhecer e do Amar desencadeia transformações fisiológicas e culturais contingentes, como a melhora do sistema cardio-respiratório, muscular, esquelético, psicológico, social e emocional, que conseqüentemente interferem recorrentemente no domínio relacional do indivíduo e das culturas que ele pertence e interage.

Num contexto social, econômico e político mais amplo, concordamos com o discurso⁸ de Maturana e sua equipe, quando os mesmos ressaltaram que a bicicleta possibilita uma reaproximação do ser humano com o meio, rompendo as fronteiras impostas pelos veículos motorizados, que isolam os seres humanos de interações mais próximas com o meio. Essa aproximação, por exemplo, nos permite perceber que “ao olhar uma flor, enquanto se anda de bicicleta, compreendemos que essa flor está intimamente ligada comigo.”

Além desse aspecto, a bicicleta⁹ é considerada muito eficiente pelos ambientalistas e especialistas em mobilidade urbana, diminuindo a dependência dos seres humanos em explorar e poluir a natureza, ou seja, já se configura como uma mudança interna das redes de conversações que caracterizam a cultura

⁸ Essa reflexão ocorreu no dia 9 de janeiro de 2007, como exposto anteriormente e está toda documentada em vídeo.

⁹ <http://www.vtpe.org/tdm/tdm3.htm>

hegemônica. Segundo Xavier (2007), em países desenvolvidos e em desenvolvimento que sofrem com congestionamentos, saúde pública e poluição atmosférica, o “se transportar” de bicicleta já é uma solução eficientemente comprovada através das experiências e dos resultados obtidos em diferentes locais, portanto merecem mais atenção da humanidade em geral, e principalmente das autoridades políticas e da sociedade em geral.

Finalmente, trazer para o diálogo acadêmico essas questões é uma proposta original e capaz de contribuir não apenas com o campo científico da Educação Física e das Ciências dos Esportes, mas com diferentes disciplinas que se cruzam nesse trabalho que está comprometido, sobretudo, com o processo de formação, emancipação e autonomia de todos os cidadãos do planeta terra, em busca da consolidação de uma cultura de movimento em construção, centrada na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência.

1.3 Objetivos

Objetivo Geral

Investigar o processo de construção e experiência do grupo de pessoas que se organizaram para realizar uma Cicloturagem, convivendo 54 dias imersos num domínio que denominamos de cultura de movimento, para compreender as características e os significados inerentes a essas experiências em contraste com o contexto mais amplo da cultura ocidental moderna.

Objetivos específicos

- a) Descrever quais foram as características dessas redes de conversações com exemplos concretos do dia-a-dia na estrada;
- b) Descrever quando e como essas redes de conversações surgiram durante a viagem realizada;

c) Refletir sobre situações específicas das redes de conversações que vivemos durante a viagem de bicicleta, relacionadas com as características dos esportes institucionalizados e algumas de nossas experiências que ocorreram em nossa dinâmica interna de se relacionar;

d) Interpretar os significados dessas redes de conversações no campo da Educação Física e no contexto da cultura hegemônica.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 Reflexões Epistemológicas

O homem possui a capacidade de formular questões, essa afirmação é óbvia, mas com certeza revela muito mais do que a sua simplicidade, pois pode-se formular uma quantidade incalculável de questões com diferentes graus de complexidade e encontrar diferentes respostas, e novas possibilidades para compreender uma mesma questão, sempre que algum ser humano interrogar o outro ou a si próprio. A partir dessa lógica, Maturana (2006) ressalta que a validade das respostas de uma questão depende da aceitação daqueles que as consideram verdadeiras ou não, de acordo com os critérios que estabelecem.

Portanto, nada é uma explicação em si mesma, e é a pessoa que aceita uma resposta explicativa quem especifica a resposta como explicação. Consequentemente existem tantos tipos de explicações quantos critérios de aceitabilidade possam ser usados para aceitar respostas explicativas. (MATURANA, 2006, p. 162).

Ainda assim, no caso da presente pesquisa que pertence ao domínio lingüístico científico, leva-se em consideração que essa maneira particular de questionar é a conseqüência de uma história de grande importância para a compreensão do que distinguimos como realidade. Segundo o filósofo alemão Heidegger (1991), a influência da civilização grega nesse processo de constituição da humanidade não deve ser desconsiderado, porque foi determinante na história de construção de nossas crenças e verdades.

A ciência moderna nada mais é do que a transformação dessa forma de se questionar a realidade, que o autor afirma que se originou no pensamento de Heráclito de Efeso, com mais de 2 mil anos de transformações. Essa reflexão tem apenas a intenção de ilustrar e situar a diversidade de influências

que estão implícitas na maneira particular de se questionar cientificamente, e conseqüentemente, de se responder.

Consideramos que essa breve introdução é coerente porque já estamos nos movimentando nesse domínio lingüístico científico. Na perspectiva científica hegemônica, o universo e os sistemas vivos muitas vezes são comparados com uma engrenagem regida por leis físicas e mecânicas de forma reducionista, nessa perspectiva as propriedades da matéria despertam a atenção dos cientistas, que utilizam um processo de fragmentação e redução de sistemas complexos para compreender suas partes e a partir delas compreender o todo. Essa forma particular, de perceber a realidade, conhecida como método cartesiano-newtoniano, domina a produção de conhecimentos na cultura ocidental à aproximadamente 300 anos.

A visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, e que têm de ser cuidadosamente reexaminados, foram formulados em suas linhas essenciais nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700 houve uma mudança drástica na maneira como as pessoas descreviam o mundo e em todo o seu modo de pensar. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmos propiciaram à nossa civilização ocidental aqueles aspectos que são característicos da era moderna. Eles tornaram-se a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos e está agora prestes a mudar. (CAPRA, 1997, p. 39).

Atualmente, as conseqüências dessa perspectiva são amplamente discutidas na busca da superação do paradigma cartesiano-newtoniano, principalmente de seus limites e conseqüências, que visivelmente contribuíram positivamente em alguns aspectos facilmente observáveis, como o grande desenvolvimento tecnológico e a infinidade de instrumentos e ferramentas que ampliam as possibilidades do viver humano. Por outro lado, a visão da natureza e dos sistemas vivos como algo a ser reduzido, fragmentado, controlado, dominado, manipulado e percebido com as lentes especializadas de aumento desse método, também causaram problemas.

As conseqüências adversas dessa falácia reducionista tornaram-se especialmente evidentes na medicina, onde a adesão ao modelo cartesiano do corpo humano como um mecanismo de relógio impediu os

médicos de compreender muitas das mais importantes enfermidades da atualidade (CAPRA, 1997, p. 48).

Enfim, nossa cultura ocidental moderna perdeu a noção do todo constituído pelas relações e interdependência entre tudo e todos em nosso planeta, um dos aspectos mais alarmantes é o aceleração da destruição da própria humanidade devido ao consumo desenfreado dos recursos naturais de nosso planeta e a crença de que a tecnologia é a salvação da humanidade. Numa reflexão radical pode-se concluir que é a exploração e o domínio da natureza que sustenta o desenvolvimento, o que gera grandes dúvidas entre os membros da comunidade científica em relação ao entendimento de seu próprio fazer. Segundo o Quarto Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas/IPCC (2007), os seres humanos são os principais responsáveis pelo fenômeno do aquecimento global, devido a exploração de petróleo para gerar energia que é utilizada principalmente pelos meios de transporte motorizados.

Esses múltiplos riscos para a saúde não são apenas subprodutos casuais do progresso tecnológico; são características integrantes de um sistema econômico obcecado com o crescimento e a expansão, e que continua a intensificar sua alta tecnologia numa tentativa de aumentar a produtividade. Além dos riscos para a saúde que podemos ver, ouvir e cheirar, existem outras ameaças ao nosso bem-estar que podem ser muito mais perigosas, porque nos afetarão numa escala muito maior, no espaço e no tempo. A tecnologia humana está desintegrando e perturbando seriamente os processos ecológicos que sustentam nosso meio ambiente natural e que são a própria base de nossa existência. Uma das mais sérias ameaças, quase totalmente ignorada até recentemente, é o envenenamento da água e do ar por resíduos químicos tóxicos (CAPRA, 1997, p. 214).

É importante esclarecer que na nossa perspectiva, a problemática que expomos não é a produção do conhecimento científico, mas o que fazemos com o conhecimento produzido e suas conseqüências éticas. Por exemplo, o fenômeno do aquecimento global não é a conseqüência da invenção dos motores que liberam dióxido de carbono na atmosfera, e sim a utilização inadequada dessa tecnologia.

Devido ao seu modo de constituição, as teorias científicas surgem intrinsecamente num domínio aberto de reflexões sobre tudo, incluindo seus fundamentos, e são, operacionalmente livres de qualquer dogmatismo. Como resultado a prática científica é, em princípio

libertadora, e através da operacionalidade reflexiva envolvida na aplicação dos critérios de validação de explicações científicas, a prática científica constitui um domínio no qual pode-se aprender imparcialidade e respeito pelo outro como uma maneira “natural” e direta de coexistência (MATURANA, 2006, p. 166).

Nesse contexto contraditório, a tecnologia possibilitou ao homem a visão do micro universo, que nossos olhos não alcançam “naturalmente”. Com isso Maturana (1970), ao observar uma célula percebe que ao se deslocar a atenção sobre as propriedades físicas que fazem parte da célula, para as interações de seus componentes, é possível de se determinar a organização celular básica, adotando-se uma abordagem mecanicista não convencional para compreender os sistemas vivos. Maturana & Varela (1997) sugerem a perspectiva de que os sistemas vivos são máquinas que se auto-produzem, classificando essas como *Autopoiéticas*, sendo esse, o fenômeno que despertou seu desejo em explicar cientificamente, o que um sistema vivo faz, quando e enquanto faz o que faz.

2.2 A Responsabilidade do Observador

“Tudo que é dito, é dito por um observador.” (MATURANA, 1995, p. 70). Esse famoso aforismo de Maturana & Varela (1995) é central em sua obra, para os autores, não existe a possibilidade de dissociar o observado do observador, e por isso é que essa perspectiva foi adotada para realizar essa pesquisa. Epistemologicamente, isso significa adotar um ponto de vista, que não reconhece como legítima qualquer afirmação que revele uma realidade objetiva independente do observador, conseqüentemente a noção de objetividade e de verdade absoluta são considerados uma crença equivocada, em que supostamente seríamos capazes de alguma forma acessar essa realidade privilegiada, seja através da ciência, filosofia, religião ou qualquer outra forma de se referir a ela. “Lo que existe independentemente del observador él es necesariamente una cuestión de fe, no del conocimiento seguro, por que siempre tiene que haber alguien que ve algo.” (MATURANA & PÖRKSEN, 2004, p. 36).¹⁰

¹⁰ “O que existe independente do observador é necessariamente uma questão de fé, não de conhecimento seguro, porque sempre tem que ter alguém que vê algo.” – tradução não publicada de Rodrigo D. Ferrari.

Para Maturana & Pörksen (2004), um observador é um ser humano, sendo que a característica que nos define como seres humanos é um modo de viver na linguagem que pressupõe a consciência de estar observando algo no momento em que se observa. A coerência disso tudo está na operação de distinção, quando distinguimos algo como seres humanos que vivem na linguagem, só podemos nos referir ao que distinguimos através da linguagem, mesmo que ela seja uma reflexão individual. O que não distinguimos não existe, dessa forma, compreendemos que a verdade só pode surgir através do consenso que se estabelece na convivência.

Quando questionado sobre os fundamentos de sua obra Maturana & Pörksen (2004), o autor afirma que não pode ser considerado um adepto da abordagem epistemológica do solipsismo¹¹, por outro lado, sua perspectiva também não deve ser considerada como adepta do realismo¹², pois ele não reconhece a existência de uma realidade exterior ao observador, e reconhece a experiência de estar com o outro na convivência, como fundamento da própria experiência dos seres humanos que vivem na linguagem. O autor, também afirma que não é adepto do construtivismo, uma postura intermediária entre o realismo e o solipsismo. Ele se reconhece, de forma descompromissada, como um super-realista, ressaltando que uma “etiqueta” lhe traria mais problemas do que benefícios.

Pero si me pregunta por un label que me acomoda, as veces me denomino – claro que más bien en broma – como un superrealista que parte de la existencia de innumerables dominios de realidad, todos e cada uno igualmente válidos (MATURANA & PÖRKSEN, 2004, p. 44)¹³

Foerster (1973), nos mostra uma experiência muito simples sobre o fenômeno da nossa percepção da realidade, e como nós, organismos Autopoiéticos, participamos no processo de configuração do objeto, durante

¹¹ Tradição da Filosofia clássica que afirma que só existe a interioridade de cada um.

¹² Tradição da Filosofia clássica que afirma a existência de uma realidade independente do observador.

¹³ “Mas se me pergunta por uma corrente de pensamento que me acomoda, às vezes me denomino – claro que de forma descontraída – como um super-realista que parte da existência de inúmeros domínios de realidade, todos e cada um igualmente válidos.” - tradução não publicada de Rodrigo D. Ferrari.

nossas operações perceptivas. Na figura 1 observamos uma estrela e um círculo. Para realizar a experiência, tampe o olho esquerdo com uma das mãos e fixe o olho direito na estrela (a distância recomendada entre os olhos e a figura é de 35 cm). Realizando essa experiência observamos que o círculo desaparece repentinamente, demonstrando o que dissemos anteriormente de forma empírica e simples.



Figura 1

Quando somos conscientes que observamos enquanto observamos, fazemos distinções que surgem através da forma como operamos. Sendo assim, nos tornamos responsáveis por nossas ações e distinções e não podemos mais fazer referência a uma realidade ou verdade que seja legítima, independente do operar do observador. Essa reflexão circular, de conhecer o conhecer, ou do observador explicar o observador nos causa certa vertigem, mas explica nosso operar como seres humanos que vivem na linguagem.

Ao aceitarmos a relação entre o observador e o observado passamos a nos movimentar num domínio que Maturana (2006), denomina de objetividade entre parênteses. Isso significa que o observador ao explicar sua relação com a realidade, a partir da compreensão operacional e relacional dos sistemas viventes, enquanto organização Autopoiética, escolhe como ponto de partida que a existência se constitui na distinção, ou seja, a existência de qualquer ente não precede a distinção.

A figura 2 abaixo, esclarece a compreensão do que é a ‘objetividade entre parênteses’:

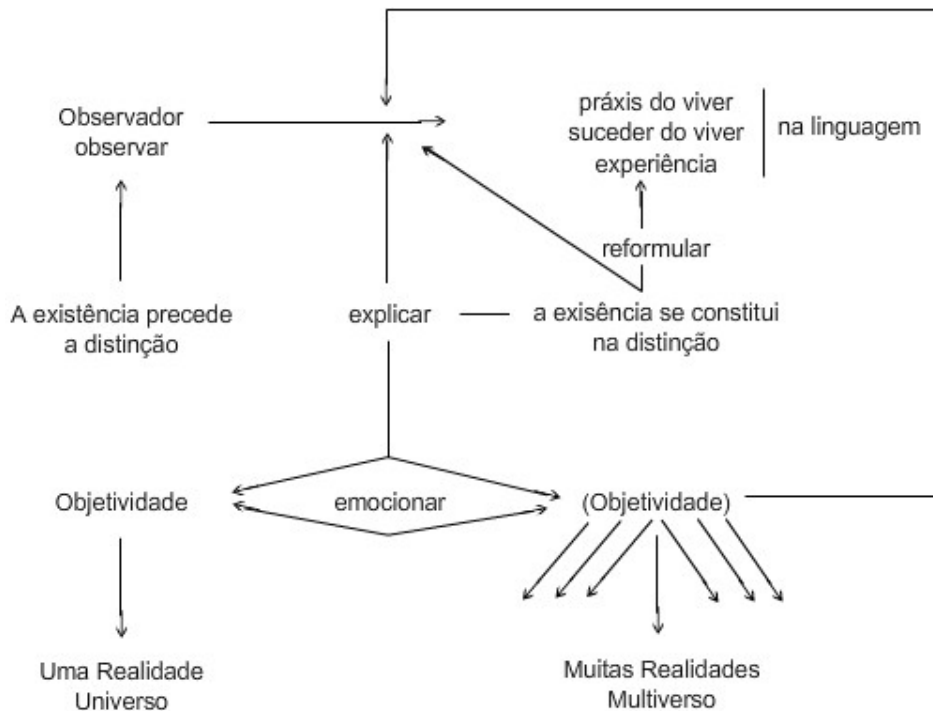


Figura 2. Diagrama Ontológico proposto por Maturana (2006)

O ponto de partida do autor para explicar nossa experiência, como observadores é o ser humano enquanto organismo, ou seja, uma perspectiva biológica, porque se perdemos nossa organização *Autopoiética*, morremos. A diferença é aparentemente simples, quando consideramos a existência do observador como entidade que precede o ato de observar, nos movemos no domínio das explicações da objetividade sem parênteses. A principal consequência dessa perspectiva é a crença numa realidade independente, absoluta, ou transcendente, que não se funda nas coerências operacionais dos organismos como sistemas *Autopoiéticos*. “Reconheço que a existência depende do que eu faço. Ponho a objetividade entre parênteses para indicar isto, e ao mesmo tempo aceito que se tenho que explicar o objeto, tenho que explicar como surge o objeto.” (MATURANA, 2006, p. 34).

O caminho explicativo da objetividade sem parênteses se constrói na imposição de um acesso privilegiado à realidade, pois é independente do observador e não levam em consideração as operações de distinções. Nessa perspectiva, quem não percebe o que eu percebo está equivocado, porque é limitado, irracional ou até mesmo teimoso. Maturana (1988) denomina esses

comportamentos de petições de obediência, as pessoas que se comportam assim podem ser vulgarmente denominadas de “donos da verdade”. “Aqui dou-me conta de que uma explicação é uma reformulação da experiência com elementos da experiência, e se repito as configurações operacionais que constituem minha explicação, obtenho o fenômeno que quero explicar.” (MATURANA, 2006, p. 36)

No ato de distinguir não podemos diferenciar uma percepção de uma ilusão, uma ilusão só se torna um experiência quando comparamos nossas percepções com experiências que revelam nosso engano, ou seja, estou pedalando na estrada e percebo um velho amigo passeando de bicicleta. paro e vou conversar com ele, quando me aproximo, o ciclista se assusta e eu me dou conta de que acabei de ter uma ilusão. Se não fosse dessa forma, não poderíamos pescar!

Isso revela nossa condição biológica existencial cotidiana, portanto não podemos desqualificar ou negar a explicação de alguém, sem sermos responsáveis pela aceitação das coerências explicativas necessariamente relacionadas com um observador. Dessa forma, optamos e somos responsáveis pela escolha de escolher o caminho explicativo da objetividade entre parênteses enquanto realizamos essa pesquisa.

2.3 Autopoiesis e “se transportar” de Bicicleta

“Para *Wiezsäcker* (1968, p.1), a diferença entre o que está vivo e o que está morto é essencial para a análise científica do movimentar e da percepção humana.” (TREBELS, 2006, p. 26). Maturana se refere à *Autopoiesis* no domínio científico pela primeira vez no artigo *Biology of Cognition* (1970), essa definição surge como “circularidade básica” à qual toda fenomenologia biológica está subordinada, para que a mesma continue existindo. Ou seja, para o autor o que define a organização definitiva dos sistemas vivos, não são as propriedades de seus componentes, e sim as interações e relações dos componentes, que definem os sistemas vivos, ou *Autopoiéticos*.

Uma máquina Autopoiética é uma máquina organizada como um sistema de processos de produção de componentes concatenados de tal

maneira que produzem componentes que: I) geram os processos (relações) de produção que os produzem através de suas contínuas interações e transformações, e II) constituem à máquina como uma unidade no espaço físico (MATURANA & VARELA, 1997, p. 71).

A organização *Autopoiética*, são processos dinâmicos encadeados de determinadas maneiras que produzem os componentes que a especificam como unidade, no caso celular esses processos são denominados de metabolismo celular. Essa observação gera conseqüências, que possuem grande valor para a comunidade científica, num espaço amplo de compreensão dos sistemas vivos, entre eles, figuram obviamente os seres humanos como sistemas que se auto-produzem.

As conseqüências mais importantes dessa perspectiva são que os sistemas *Autopoiéticos* são autônomos e entes individuais, ou seja, todo seu metabolismo está subordinado apenas à conservação da sua própria existência e conservação da adaptação. Um espaço de mudanças e transformações, onde o que determina a linha divisória entre o possível e o impossível, a vida e a morte, é a conservação da organização *Autopoiética* e a manutenção invariável da mesma, que conservam e determinam sua respectiva identidade, constituindo assim uma unidade num meio.

Diferentemente de outra classe de máquinas¹⁴, como por exemplo, um automóvel, um sistema *Autopoiético* não possui entradas (input) e saídas (output), ou seja:

As máquinas *Autopoiéticas* são definidas como unidade por e apenas por, sua organização *Autopoiética*: suas operações estabelecem seus próprios limites no processo de *Autopoiesis*. Não ocorre assim com as máquinas *Alopoiéticas*, cujos limites são fixados pelo observador, que especificando as superfícies de entrada e saída, determina o que é pertinente ao seu funcionamento (MATURANA & VARELA, 1997, p. 73).

Por exemplo, os automóveis modernos possuem um componente que denominamos de acelerador, quando pressionamos o mesmo esperamos que

¹⁴ Maturana & Varela (1997) esclarecem as diferenças entre máquinas *Alopoiéticas* e *Autopoiéticas*, no caso só as primeiras podem ser consideradas como um sistema que possui entradas e saídas.

o automóvel desloque-se de acordo com a pressão exercida. A entrada (input) seria o comando no acelerador e a saída (output) o deslocamento do automóvel. Nós, sistemas *Autopoiéticos* não funcionamos dessa forma.

Ressaltando a importância do pressuposto científico de determinismo estrutural, Maturana & Varela (1997) esclarecem que, o que determina as transformações e as mudanças, na dinâmica de sistemas *Autopoiéticos*, jamais são os agentes externos ou instruções, e sim a própria dinâmica interna do sistema, num processo contingente que pode se configurar de maneiras distintas a partir de uma mesma perturbação. Uma unidade só existe quando a mesma conserva sua respectiva organização, portanto uma perturbação nunca pode desencadear a desintegração de uma máquina *Autopoiética*, somente nesse caso, constata-se uma instrução do meio, quando um sistema *Autopoiético* é destruído.

O autor reconhece que sistemas *Autopoiéticos* podem ser observados como *Alopoiéticos* em algumas situações específicas, que observamos comumente em estudos fisiológicos tradicionais, mas quando a organização dos organismos não é revelada. Geralmente isso ocorre no processo de fragmentação durante o ato de observar e descrever esquematicamente um sistema *Autopoiético*, que como veremos mais adiante, pode ser um acoplamento estrutural entre duas ou mais máquinas *Autopoiéticas*, que ao interagirem constituem outra, produto dessa nova configuração organizacional.

Ou seja, considera-se biologicamente uma máquina *Autopoiética*, de *Alopoiética*, quando algumas sub-dinâmicas de uma totalidade, são observadas de forma fragmentada. Portanto, “(...) sustentamos que a noção de Autopoiesis é necessária e suficiente para caracterizar a organização dos sistemas vivos” (MATURANA & VARELA, 1997, p. 75). No contexto dessa investigação, que envolve seres humanos, reconhecemos que a noção de *Autopoiesis* que descrevemos brevemente, faz parte de nosso discurso implicitamente, todas as vezes que nos referirmos a algum sistema vivente.

2.4 Nossa história biológica coletiva

Segundo Maturana (1995), cientistas estimam que a vida tenha surgido no planeta Terra à aproximadamente 3,4 bilhões de anos, essa constatação se fundamenta através da comparação entre fósseis de bactérias encontrados recentemente, que apresentam um agrupamento molecular similar ao de algumas bactérias que ainda existem atualmente entre toda a variedade de sistemas vivos.

É conhecido à aproximadamente meio século, que simulando as características ambientais da Terra nesse período, através de um experimento em laboratório, realizado pela primeira vez por Stanley Miller em 1951, é possível recriar as condições que possibilitaram o surgimento da vida no ambiente terrestre. Basicamente mistura-se metano, amônia, água salgada, gases atmosféricos e descargas elétricas para se observar no dia seguinte, a formação espontânea de aminoácidos e outras moléculas orgânicas.

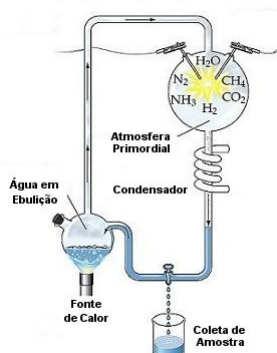


Figura 3. O aparato de Miller-Urey. O frasco inferior contém água em ebulição e representa o oceano primordial. No frasco superior, que representa a atmosfera, vapor de água se mistura ao metano, amônia, gás carbônico, nitrogênio e hidrogênio. Descargas elétricas fazem com os gases reajam produzindo compostos orgânicos e aminoácidos que se acumulam na armadilha preenchida com água. <http://exoplanetas.astrodatabase.net/miller.html>

É necessário ressaltar que não é possível a comprovação absoluta de que foi assim que aconteceu o surgimento da vida, pois não existem meios e muito menos testemunhas que atestam a validade definitiva dessa explicação, mas é a que se aceita como mais provável entre a comunidade científica que opta por essa explicação em relação às possibilidades da criação dos seres vivos, sem percorrer caminhos que se referem a alguma “entidade divina”, “força criadora” ou “impulso cósmico”, que estaria num domínio das explicações objetivas transcendentais, portanto optamos por partir dessa explicação para avançar na reflexão que nos propusemos.

Segundo Maturana (1998), desde o surgimento desses seres primitivos, que não foi necessariamente em apenas um espaço e tempo específicos, que os sistemas vivos existem num processo ininterrupto de constantes transformações e conservações, originando toda a diversidade dos sistemas vivos, que co-existem atualmente ou que já existiram no passado, e agora estão extintos por não conservarem mais suas respectivas organizações e adaptações, que os caracterizavam como unidades.

O autor continua sua explicação sobre o processo de surgimento da vida em nosso planeta, dizendo que através da reprodução dos primeiros sistemas vivos, que consiste especificamente na fratura de uma unidade em duas unidades distintas, que o processo e a manutenção da existência dos sistemas vivos alcançaram a complexidade e diversidade da qual o homem pertence, entre outras formas de manifestação dessa mesma classe. Portanto, tudo que pode ser classificado como sistema vivo, um sistema *Autopoiético*, possui a mesma origem, sendo assim, conotativamente todos os sistemas vivos que já existiram ou que ainda existem (conservam sua organização e adaptação) no planeta Terra são apenas a variação sobre um mesmo tema.

Maturana & Varela (1995) denominam o fenômeno seqüencial reprodutivo dos sistemas vivos de Filogenia, que constitutivamente depende da conservação da organização e adaptação dessa classe de sistemas particulares. Consequentemente é incoerente conceber um organismo de forma isolada, pois ele está necessariamente envolvido em uma rede de interações contínua com todos os sistemas vivos integrantes dessa mesma filogenia, da mesma forma que não podemos cometer o erro de conceber o processo evolutivo, sem levar em consideração toda classe de sistemas vivos. “Uma filogenia é uma sucessão de formas orgânicas geradas seqüencialmente por relações reprodutivas. As mudanças vivenciadas ao longo da filogenia constituem a mudança filogenética ou evolutiva” (MATURANA & VARELA, 1995, p. 138).

Portanto, na perspectiva dos Sistemas Vivos, ou *Autopoiéticos*, de Maturana & Varela (1995), observa-se que eles são apenas no instante presente da realização de suas respectivas estruturas, como manifestação do

seu estado presente interno de coerências, constituídas pela rede de relações de toda classe que ele pertence. Conseqüentemente, as coerências operacionais de todos os sistemas vivos, a todo instante, necessariamente envolvem as coerências operacionais de toda a biosfera.

Outro aspecto que surge da concepção de evolução proposta por Maturana & Varela (1997) é o questionamento da noção que prevalece em nossa cultura, em que geralmente os seres humanos são considerados como seres “mais evoluídos”, compreendendo o significado da palavra evolução como um processo dentro de uma escala de valor que vai do pior para o melhor. De acordo com que foi exposto anteriormente isso é um equívoco. Do ponto de vista biológico todos os sistemas vivos são igualmente importantes perante a evolução, que é apenas o caminho histórico comum de todos os sistemas vivos, nada mais que isso.

Para Maturana & Varela (1997), a filogenia acontece na forma de deriva espontânea e com ausência de propósito. Desde o surgimento dos seres *Autopoiéticos* até o presente, observamos a existência de um fluir de transformações, com conservação da organização e adaptação ininterrupta de determinada classe. Por exemplo, por esse motivo que não é possível sustentar biologicamente, o argumento que os organismos estão evoluindo do pior para o melhor, tudo que ultrapasse os limites dessa observação pertence à capacidade de julgamento humana e não pode ser legitimada biologicamente, pois a rigor não existe organismo mais ou menos adaptado, o organismo é adaptado ou não, capaz de sobreviver ou não em determinado ambiente.

Podemos afirmar então que o único propósito de um sistema vivo, levando em consideração sua materialidade biológica, é conservar sua organização *Autopoiética* e adaptação num meio. Mas em nosso cotidiano, aparentemente esquecemos-nos dessa condição, e reproduzimos automaticamente uma interpretação equivocada sobre esse tema. Vivemos em uma cultura que valoriza a competição, e comumente justificamos nossas condutas competitivas como “instinto de sobrevivência”, porque na história da humanidade, a idéia de que no ambiente natural, apenas os mais fortes

sobrevivem, e se difundiu ao ponto de se tornar uma realidade e um valor *em-si* mesmo.

De acordo com as explicações de Maturana (2005), competir é uma ação que surgiu na linguagem e no domínio de condutas dos seres humanos, e competir significa que necessariamente haja um vencedor e um perdedor, e na natureza esse tipo de comportamento não é observado. Por exemplo, quando há uma disputa por um alimento ou território entre dois organismos, podemos dizer apenas que o objetivo dele é continuar mantendo sua organização e não que o outro perca a dele. Mais adiante vamos aprofundar essa questão numa reflexão sobre o amor e a cooperação num domínio cultural esportivo.

Nesse momento, surge a possibilidade de relacionar o “se transportar” de bicicleta numa viagem, com alguns aspectos de nossa deriva filogenética. Observamos que a opção pela bicicleta enquanto veículo, pode desencadear uma compreensão orgânica (corpórea e inteligente e não corporal e intelectual) do que reconhecemos como evolução e deriva filogenética. De acordo com nossas experiências, essa prática cria uma possibilidade de valorização do instante presente, em que gradualmente o próprio processo de pedalar, que pode ser associado ao processo de viver, se torna uma finalidade, sendo que o destino final que escolhemos, ou alcançamos é apenas uma forma de orientar nosso fluir na busca de continuar vivendo (fluxo *continuum*).

Portanto, se os sistemas vivos são máquinas Autopoiéticas, a teleonomia¹⁵ passa a ser somente um artifício para descrevê-los, que não revela aspecto algum de sua organização, exceto que seu funcionamento é consistente no âmbito no qual são observados. Como máquinas Autopoiéticas, os sistemas vivos carecem, então, de finalidade (MATURANA & VARELA, 1997, p. 79).

Maturana (2006) utiliza a imagem de um barco fluindo à deriva¹⁶ em um oceano de possibilidades sob à influência de ventos, ondas e correntes marítimas, para explicar as características principais do que o autor concebe enquanto Filogenia e Ontogenia. Para o autor, ontogenia é o processo de

¹⁵ Teleologia é conjunto de explicações aplicadas à noção de finalidade, de causa final.

¹⁶ A deriva significa ausência de qualquer instrumento ou técnica que possibilite a navegação orientada pelo navegador em alguma direção ou algum destino em especial.

mudanças contínuas e contingentes do organismo que interage com o meio, desde o instante de sua concepção até o momento de seu desaparecimento.

Diante da impossibilidade da existência de um organismo fora de um meio, o autor reconhece a separação físico-material entre os dois, mas esclarece que a relação de dependência mútua está sempre presente numa história de transformações congruentes, em que organismo e meio estão ligados numa rede de relações que terminam apenas quando o organismo ou o meio desaparecem.

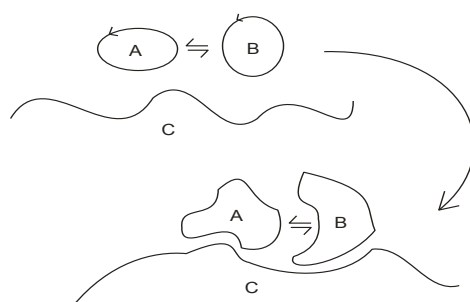


Figura 4. Reprodução do desenho que expressa a história de interações e mudanças de um organismo num meio, em acoplamento estrutural. (MATURANA, 2006, p.83).

Segundo Maturana (2006) esse relacionamento ocorre na forma de um fluir constante de mudanças estruturais a todo instante, obviamente que sempre determinadas pelas estruturas de cada entidade, e que não estão vinculadas a juízos de valores. Por exemplo, o bem e o mal, existem apenas no domínio da linguagem, enquanto essas mudanças ocorrem no que se distingue como domínio biológico/fisiológico. Organismo e meio existem num processo contínuo de mudanças estruturais até o momento em que organismo perca sua organização e adaptação, isto é constitutivo de todos os sistemas viventes.

Para ilustrar esse processo, recorremos ao exemplo da Figura 2. O meio de A é B e C; o de B é A e C; e o de C é A e B, dessa forma A, B e C fluem à deriva através de interações que desencadeiam mudanças estruturais contingentes, até o momento que haja a separação entre essas entidades, ou que A e/ou B se desintegram ao desaparecer suas organizações e adaptações.

Considerando esses aspectos gerais referentes à história evolutiva coletiva e individual dos sistemas vivos, podemos compreender que a forma como interagimos diariamente com o meio, desencadeia transformações no mesmo, da mesma forma que o meio, desencadeia transformações em nossos organismos. Segundo Maturana (1998) essa forma de perceber, revela nossa responsabilidade ética em relação às nossas ações cotidianas, pois o conjunto dessas interações envolve nosso planeta como um todo, ou seja, tudo que fazemos a todo instante desencadeia transformações nessa rede de interações e relações.

Isso parece trivial, mas não é. Segundo Capra (1997), principalmente no século XX, a humanidade não se preocupou com as consequências de suas ações, dentro do conjunto das interações que envolvem nosso planeta como uma rede de relações interdependentes. Essa cegueira gerou um fenômeno, o aquecimento global, que ameaça não apenas a existência humana, mas todos os sistemas vivos.

Ou seja, compreendemos que utilizar a bicicleta como meio de transporte, desencadeia transformações na rede de interações e relações que constitui nosso planeta. Num oceano de possibilidades, podemos estar pedalando num dia comum e despertar o desejo de uma criança, ou de um adulto, de utilizar a bicicleta como meio de transporte, ou então, podemos nos interessar pelo assunto e descobrir que na Holanda a bicicleta é considerada como um dos principais meios de transporte. Enfim, sempre estamos mudando junto com o mundo, numa dança repleta de possibilidades.

Não consideramos a bicicleta como uma solução para o aquecimento global, mas somos conscientes de que ela faz parte desse processo. Fundamentados por tudo que foi exposto até aqui, acreditamos também que não possuímos a capacidade para afirmar o que é bom ou mau para o outro, pois estamos apenas realizando uma reflexão pontual sobre a história de mudanças congruentes entre organismos e meio. Mas de acordo com o contexto exposto pelo Quarto Relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (2007), acreditamos que devemos agir no sentido de alinhar nossas condutas em torno de um objetivo comum, visando um domínio

de interações que possam desencadear transformações nessa rede de relações, de forma que a vida seja conservada por um longo período, se assim desejarmos.

2.5 Nossa história biológica individual

Segundo Maturana (1998) a ontogenia de um sistema vivo tem início com a concepção da estrutura inicial de um organismo, e todas as mudanças que ocorrem nesse organismo não estão definidas nessa estrutura inicial. O que ocorre no fluir da deriva ontogênica de um sistema vivo é um processo constante de mudanças seqüenciais, ou seja, um processo epigenético.

Portanto, o que o observador reconhece como características determinadas geneticamente, que seriam determinadas no momento da concepção de um sistema vivo, são o que Maturana (1998) denomina como fenótipo ontogênico, como sendo as características que se repetem em todos os organismos de uma mesma espécie. “Mais ainda, segundo isto, não há condutas herdadas, somente são herdadas estruturas iniciais (constituição genética da célula inicial de um organismo), que determinam pontos de partida para possíveis epigêneses.” (MATURANA, 1998, p. 41).

No filme de ficção científica **GATTACA** (1997), escrito e dirigido por Andrew Niccol, e no clássico literário **Admirável Mundo Novo** de Aldous Huxley (1931), observamos uma crítica rigorosa sobre a supervalorização moderna da influência genética no processo de constituição do humano, e as conseqüências culturais que isso pode desencadear. Em pleno século XXI, é comum a crença de que nosso DNA (ácido desoxirribonucléico) possa especificar nosso futuro, mas insistimos que Maturana (1988) e em diversos outros trabalhos, esclarece esse fenômeno de forma mais adequada. “Yet in other words, the initial structure of an organism makes possible all that can happen to it in its individual history, but does not specify its future.” (MATURANA, 1988, p.28).¹⁷

¹⁷ “Em outras palavras, a estrutura inicial de um organismo torna possível tudo o que pode ocorrer em sua história individual, mas não especifica seu futuro.” – Tradução não publicada de Rodrigo D. Ferrari.

O autor utiliza a palavra epigênese para explicar que desde o momento da concepção de um sistema vivente, até o instante de sua morte, tudo que ocorre durante esse processo, resulta de uma cadeia de transformações, em que o estado presente do organismo é o resultado de todo processo de mudanças estruturais do mesmo, durante sua existência. Por esse motivo que não podemos falar com legitimidade que o ácido nucléico especifica o futuro de um organismo. Maturana (1988), explica que somente se a estrutura inicial e a história das interações relevantes se repetem, que podemos observar a repetição de um futuro, mas destaca a improbabilidade da ocorrência desse fenômeno.

De acordo com essa compreensão, entendemos que, enquanto organismo Autopoiéticos somos seres dinâmicos, e nosso presente e nosso futuro são constituídos através de nossa história como seres humanos, portanto, não reconhecemos qualquer argumento fundamentado numa perspectiva genética, de determinação de nossas existências através de nossos DNA's.

2.6 Como aprendemos a “se movimentar” de bicicleta?

“Digo que existe aprendizagem quando a conduta de um organismo varia durante sua ontogenia de maneira congruente com as variações do meio, e o faz seguindo um curso contingente a suas interações nele.” (MATURANA, 1998, p.31). O mesmo autor distingue duas perspectivas biológicas distintas que explicam o processo de aprendizagem em seres vivos, denominando-as de perspectiva *informacionista* e a outra de *deriva ontogênica*. Segundo suas idéias, o processo biológico de aprendizagem como a captação de informações exteriores ao organismo, em que o sistema nervoso é capaz e responsável por criar uma representação do meio, e assim calcular sua conduta, é equivocada.

Essa reflexão de aprofundamento sobre o fenômeno da aprendizagem é muito importante, especialmente para um curso de formação de professores de Educação Física. A perspectiva hegemônica encontrada em um estudo preliminar da bibliografia que constitui a ementa da disciplina Aprendizagem Motora, do Curso de Educação Física – Habilitação em Licenciatura, da

Universidade Federal de Santa Catarina, revelou a utilização dos pressupostos da perspectiva *informacionista*, que se fundamenta numa explicação que considera a existência de uma realidade independente do observador.

Pode-se observar na obra de Schimit (2001), uma das bibliografias recomendadas pela ementa da disciplina Aprendizagem Motora, o título do terceiro capítulo denominado “Processando Informação e Tomando Decisões”, a escolha teórica de compreender o ser humano como detentor de um aparelho semelhante a um computador, ou seja, a um processador de informações que recebe um estímulo exterior, processa o mesmo e produz uma resposta. Esse modelo explicativo está presente explicitamente também nas obras de Magil (1984), Barber & Legge (1979), Luria (1979) e Ehrlich (1979).

Para explicar o fenômeno da aprendizagem, precisamos explicar como o sistema nervoso funciona em congruência estrutural com os organismos *Autopoiéticos*, e ainda sua relação com o comportamento desses sistemas. Para Maturana, Mpodozis & Letelier (1995), o sistema nervoso é uma rede neurológica fechada de relações sinápticas, em acoplamento estrutural com um organismo, ou seja, qualquer mudança nas relações das atividades, entre algum componente dessa rede, desencadeia outras mudanças nas relações de atividades entre outros componentes dessa mesma rede de forma recursiva, num processo potencialmente infinito de mudanças. Devido a essa operacionalidade de nosso sistema nervoso, que os autores explicam o funcionamento do mesmo a partir de sua totalidade.

Segundo Maturana (1970, 1995, 1997, 1998), a percepção é o operar de um observador que revela o mundo em que ele vive, a percepção não seria a captação de um mundo independente do que o observador faz. A percepção seria uma configuração conceptual do objeto, dessa forma, o mundo surge no operar do que o observador faz, quando distingue o que distingue.

Neurofisiologicamente, isso significa que o sistema nervoso opera como uma rede fechada de trocas de relações e atividades, portanto ele não possui

um mecanismo que lhe permita captar informações através dos sentidos, ou os estímulos do mundo externo, e codificá-los de alguma forma.

O observador pode assinalar que uma mudança determinada na organização do sistema nervoso surge como resultado de uma dada interação do organismo, e pode considerar tal mudança como uma representação das circunstâncias de interação. Tal representação, no entanto, existe como fenômeno somente no domínio da observação, e tem validade somente no domínio gerado pelo observador quando ele mapeia o meio na conduta do organismo ao abordá-lo como máquina Aloiética (MATURANA & VARELA, 1997, p. 131).

Segundo Maturana, Mpodosis e Letelier (1995) o que o sistema nervoso faz, sendo fechado, é estar sempre num contínuo operar sobre si mesmo, numa rede de relações que se estabelece com as trocas de configurações internas do organismo, gerando uma dinâmica, um operar do sistema nervoso que se associa por contingências com os estímulos perturbadores do meio, numa história de transformação estrutural. Nesse sentido, podemos concluir que as condutas dos organismos não podem ser explicadas a partir do operar do sistema nervoso, pois constituem dois domínios distintos.

Imaginémonos um piloto em su cabina; está volando su avión em completa oscuridad, no tiene acceso directo al mundo exterior y tampoco lo necesita porque actua sobre la base de parâmetros e indicadores, cuando cambian los valores y se dan determinadas combinaciones, opera sus instrumentos, o sea establece correlaciones sensório-electricas para mantener los valores dentro de ciertos márgenes. Después del aterrizaje, puede ser que amigos y colegas que estuvieran pendientes de su vuelo se acercem y le feliciten por su valor y le hablen de la densa neblina ya la fuerte tormenta que acaba de cruzar. El pilot está confundido, y pregunta: “¿Que neblina? ¿Que tormenta? ¿De qué me hablan? ¡Si no hice más do que operar mis instrumentos!” Es evidente: el acontecer externo fue irrelevante y sin significado para la dinámica que ocurría dentro del avión (MATURANA & PÖRKSEN, 2004, p. 76-7).¹⁸

¹⁸ “Imaginamos um piloto em sua cabine; está dirigindo seu avião em plena escuridão, não tem acesso ao mundo exterior e tampouco o necessita porque atua sobre a base de parâmetros e indicadores, quando os valores mudam e se estabelecem determinadas combinações, opera seus instrumentos, ou seja, estabelece correlações sensório-eferentes para manter os valores dentro de determinadas margens. Depois do pouso, pode ser que amigos e colegas que estiveram fora de seu vôo se aproximem e o cumprimentem por sua destreza e lhe falem da densa neblina e da forte tempestade que acaba de cruzar. O piloto está confuso e pergunta: Que neblina? Que tempestade? Do que vocês estão falando? A única coisa que fiz foi operar meus instrumentos! É evidente: o acontecer externo foi irrelevante e sem significado para a dinâmica que ocorria dentro do avião.” – Tradução não publicada de Rodrigo D. Ferrari.

Esse caminho explicativo que Maturana (2004) denomina “la doble mirada”¹⁹ surgiu na interpretação que o autor propõe de um experimento realizado em 1943, pelo cientista Roger Sperry. Esse biólogo rodou o olho de um anfíbio 180 graus através de uma cirurgia, e percebeu que o mesmo recuperou sua visão depois de algum tempo, porém quando uma presa se apresentava diante de seus olhos, sua conduta repetia o mesmo desvio de 180 graus em relação à presa. Maturana & Varela (1995) questionam a partir desse experimento, o pressuposto de que o animal orienta sua língua a algo exterior a ele, e que erra o alvo porque seu mecanismo de captação e processamento de informação foi modificado.

Isso revela que o pressuposto²⁰ em relação ao fenômeno da aprendizagem, de que existe uma realidade independente e externa ao organismo é epistemologicamente e operacionalmente inadequado, segundo a perspectiva de que os organismos são determinados estruturalmente e que o meio pode apenas desencadear mudanças nos mesmos de forma contingente.

Segundo Maturana (1998), isso significa que o meio não pode especificar o que ocorre em um organismo, e requer um olhar mais cauteloso sobre tudo que foi construído sobre esses pressupostos, que explicam o funcionamento do sistema nervoso como um processador de informações.

Portanto, de acordo com Maturana (1998), o sistema nervoso participa na geração do comportamento do organismo, através das correlações sensoriais, que surgem a qualquer momento de acordo com suas estruturas. Mas os comportamentos dos organismos, não são o produto único e exclusivo do funcionamento do sistema nervoso, como se acredita hegemonicamente no campo da Educação Física.

O SN não está desenhado para que o organismo viva de uma determinada maneira, porém sim, se o SN gera determinadas correlações sensomotoras, o organismo vive de uma determinada maneira em seu domínio de acoplamento estrutural. As baratas não estão feitas para perder o primeiro par de patas e aprender a limpar as antenas paradas em três patas. Porém, estão feitas de maneira que, se

¹⁹ Perspectiva dupla – Tradução não publicada de Rodrigo D. Ferrari

²⁰ Esse pressuposto é comumente utilizado na Psicologia, Neurociência, e Educação Física para explicar o fenômeno da aprendizagem.

perdem suas duas patas, possam chegar ao longo de sua ontogenia a ficar de pé com suas três patas restantes, e limpar as antenas com a quarta que fica livre. E isto, se ocorrer é o resultado de uma simples derivação evolutiva na qual todos os organismos atuais pertencem a linhagens que nunca se interrompem, e dos quais resultam os zigotos ou células iniciais que têm tornado possíveis nossas epigêneses particulares. Mais ainda, nesta derivação evolutiva, a aprendizagem como fenômeno ontogênico é simples epigênese, simples derivação estrutural com conservação da organização e adaptação da unidade em ontogenia. O resultado descreve o observador (MATURANA, 1998, p.46).

Portanto, reconhecemos que a aprendizagem é um fenômeno que pertence a nossa história de transformações durante o processo de conservação de nossas *Autopoiesis*, ou seja, possui o mesmo significado que deriva ontogênica. Nesse sentido, entendemos que estamos constantemente aprendendo no decorrer de nossas existências, e que o “se transportar” de bicicleta nessa viagem também fez parte desse processo de aprendizagem.

2.7 “Se transportando” de bicicleta em domínios consensuais

Maturana (1978) explica a linguagem através de domínios de ações consensuais. Consenso²¹ quer dizer acordo ou concordância de idéias. Segundo o autor, a linguagem é um fenômeno que um observador distingue quando dois organismos coordenam suas ações consensuais de forma recorrente²², enquanto eles vivem juntos durante seus respectivos “fluir ontogênico”. Se observarmos dois seres humanos de uma distância que não podemos escutar o que eles estão falando, e prestarmos atenção em seus comportamentos, podemos reconhecer que eles estão se comportando de determinada maneira, que percebemos as coordenações de suas condutas.

Nessa mesma lógica, podemos observar a relação entre uma pessoa e seu cachorro de estimação, e reconhecer que existe um domínio de coordenações de comportamentos nessa situação. Por exemplo, a pessoa pega a coleira e o cachorro se dirige à porta para passear.

²¹ Mini-dicionário de língua portuguesa – Melhoramento.

²² Recorrente – que volta para sua origem, que aparece depois de ter desaparecido – Mini-dicionário de língua portuguesa – Melhoramento.

Experiências com gorilas²³ demonstram que outros animais são capazes de aprender a coordenar suas condutas de forma consensual e conviver na linguagem. Mas, segundo Maturana (1978), nós somos os únicos animais em nosso planeta, que desenvolvemos essa capacidade durante nosso fluir filogenético espontaneamente, até sermos capazes de conviver num domínio de coordenação de ações consensuais recorrente de quarta ordem, que caracteriza o aparecimento da figura do observador.

Maturana (1995) explica que esse fenômeno se tornou possível através da convivência de nossos ancestrais humanos, que viveram na África a aproximadamente 3,5 milhões de anos, em pequenos grupos, que tinham como características coletar e compartilhar alimentos, participação do macho na criação dos filhos e encontro sexual frontal. Essas condições geraram um espaço de convivência, em que as coordenações de condutas consensuais pudessem surgir e se estabilizaram durante gerações.

A palavra *língua* vem do substantivo latino *língua*, que significa “o órgão língua”, e era anteriormente usada para se referir principalmente à fala. Por extensão, todavia, a palavra *língua* é agora usada para se referir a qualquer sistema convencional de símbolos usado em comunicação. Uma língua, em sua forma restrita ou ampla, é habitualmente considerada como um sistema denotativo de comunicação simbólica, composto de palavras que denotam entidades, independentes do domínio no qual essas entidades possam existir. Denotação, todavia, não é uma operação primitiva. A língua surge como resultado de alguma outra coisa que não requer denotação para seu estabelecimento, mas que dá origem à língua com todas as suas implicações como resultado trivial necessário. Esse processo fundamental é o acoplamento estrutural ontogênico, que resulta do estabelecimento de um domínio consensual. (MATURANA, 2002, 150)

Sendo assim, segundo Maturana (1978), a linguagem é o resultado de um acoplamento estrutural ontogênico entre organismos com plasticidade estrutural, ou seja, organismos que se modulam durante o fluir de suas interações. Por exemplo, quando uma criança nasce e distingue sua mãe, quando a mesma reconhece a presença de sua mãe e essa age como se reconhecesse essa distinção. Nesse caso, elas já estão coordenando suas

²³ Disponível em <http://www.koko.org/index.php>

ações de forma consensual. Depois ela aprende a distinguir sua mãe e dizer “mãe” quando a criança deseja se referir à ela, por exemplo, para sua professora que sua mãe vai lhe buscar na saída da escola, assim ela está vivendo uma coordenação de ações consensuais de coordenações de ações consensuais, um domínio consensual de segunda ordem, que o autor denomina de linguajar. Em outro momento, ela distingue sua operacionalidade de observar como algo que pertence à sua corporeidade, constituindo assim uma recursão de terceira ordem, que caracteriza a distinção do observador como objeto que se configura nesse domínio, através da ocorrência do linguajar e do observar.

Finalmente, quando o linguajar, o observar e o observador ocorrem, o fenômeno da autoconsciência pode surgir pode ocorrer numa comunidade de observadores como uma recursão de quarta ordem coordenações consensuais ações nas quais os observadores podem fazer a distinção de suas corporalidades, enquanto nós numa rede de distinções recursivas (MATURANA, 2002, p. 273).

Segundo o autor, uma descrição lingüística sempre implica uma interação. O que fazemos quando fazemos descrições é agir de determinada forma coordenada, com outros observadores em um domínio consensual, gerado de maneira co-ontogênica durante o fluir de nossas derivas como sistemas *Autopoiéticos* que convivem e se encontram recorrentemente.

Quando descrevemos o domínio consensual como se ele constituísse um sistema descritivo independente do observador, em que as interações descritivas fossem capazes de revelar informações ao organismo dentro de uma perspectiva realista, que processa as informações captadas do meio para gerar os estados adequados para determinado propósito, assumimos a possibilidade de interações instrutivas. Como observamos anteriormente, essas explicações não estão de acordo com a operacionalidade dos sistemas *Autopoiéticos*, ou seja, não consideram o domínio de descrições como um meta-domínio que existe apenas em um domínio consensual em referência a outro domínio.

Consideramos muito importante ressaltar que de acordo com esse caminho explicativo, a linguagem é um fenômeno que ocorre no domínio das relações (condutas) entre organismos, onde funcionamento de sua dinâmica operacional (fisiologia) participa da mesma na ocorrência desse fenômeno, mas não é o que determina esse acontecimento. Segundo Maturana (1978), isso significa que a linguagem não é o produto da presença de um sistema nervoso “especial” capaz processar símbolos. Para o autor a linguagem é um fenômeno que depende da conservação transgeracional de um determinado modo de viver, que possibilite a estabilização desses comportamentos através da convivência na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo.

Representação, significado e descrição são noções que se aplicam apenas e exclusivamente à operação de sistemas viventes em um domínio consensual, e são definidos por um observador para se referir a um comportamento consensual de segunda ordem. Por essa razão, essas noções não possuem valor explicativo na caracterização da operação atual de sistemas *Autopoiéticos*, mesmo quando eles surgem através do acoplamento estrutural, porque uma descrição sempre implica uma interação num domínio de consenso.

Portanto, segundo Maturana (1978) quando realizamos uma denotação não estamos nos referindo a uma realidade independente do observador, e sim à um objeto que se configurou através da distinção num domínio de coordenações de condutas consensuais de coordenações de condutas consensuais. Por esse motivo, que segundo o autor, a denotação surge apenas em um meta-domínio, como um comentário posterior feito pelo observador sobre as conseqüências das operações dos sistemas que interagem.

Enfim, compreendemos que o comportamento lingüístico ocorre num domínio consensual. Nessa pesquisa, o entendimento dessa noção é muito importante, pois se não compreendemos esse fenômeno, não podemos compreender o conceito de cultura que estamos utilizando nesse trabalho.

2.8 Coordenações de ações e emoções de uma Cicloviagem

A palavra emoção provém da expressão latina, *emotionem*, que quer dizer "movimento, comoção, ato de mover-se". Para Maturana (2005) emoções são disposições corpóreas, ou seja, configurações internas de um organismo em sua totalidade, que especificam o domínio de ações que ele se movimenta no fluir de suas experiências, o autor também acrescenta que, emoções não podem ser confundidas com sentimentos, que são estados de percepção sobre o próprio organismo.

Na vida cotidiana, distinguimos as diferentes emoções olhando as ações e posturas ou atitude corporal do outro, que pode ser eu mesmo seja esta pessoa ou animal não humano. Mais ainda, também sabemos na vida cotidiana que em cada emoção somente certas ações são possíveis à pessoa ou animal que as apresenta (MATURANA, 1998, p. 82).

Para Maturana (2005) o emocionar é a base de todas as nossas ações, inclusive o fundamento da própria razão. A argumentação que sustenta essa explicação é bastante simples, por exemplo, se estou com ódio de alguém não sou capaz de abraçar essa pessoa com sinceridade e honestidade, ou então, um animal ameaçado e com medo, não é capaz de se alimentar tranquilamente em seu meio, e assim é durante todo o fluir dos sistemas vivos.

Como expomos no item anterior, segundo Maturana (1998), a linguagem é uma coordenação de ações consensuais de coordenações de ações consensuais. O autor compreende o ato de conversar através do entrelaçamento entre o emocionar e o linguajar. Segundo o autor, um ser humano recém nascido já vive imerso no linguajar e emocionar de seus pais e das pessoas mais próximas a ele. É dessa forma que aprendemos nosso emocionar durante nossa convivência com os outros sistemas vivos no fluir de nossas ontogenias.

Comumente diríamos que a criança aprende a emocionar-se de uma ou outra maneira como ser humano com o emocionar-se dos adultos e crianças (e outros animais) que fazem parte de seu mundo humano e não humano, e se alegrará, enternecerá, envergonhará, enfurecerá..., seguindo as contingências das circunstâncias em que esses se alegram, enternecem, envergonham, enfurecem... etc (MATURANA, 1998, p. 84).

Enfim, é dessa forma que finalmente podemos nos referir a um domínio cultural, como uma rede fechada de conversações, que é a forma como nós, seres humanos vivemos como organismos *Autopoiéticos*, quando coordenamos nossas ações e emoções num domínio relacional de convivência consensual. Agora vamos refletir sobre os aspectos culturais envolvidos em nossa história, enquanto seres humanos, e a experiência que vivemos durante nossa cultura de movimento.

3. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Etnometodologia

Optamos pela realização de uma pesquisa de natureza qualitativa, que segundo Neto (1999), oferece mais agilidade e liberdade para reflexão no tipo de análise estabelecida por nossa investigação, o autor também ressalta que não existe unanimidade sobre o conceito de investigação qualitativa, mas existe um consenso em reconhecer que o termo qualitativo abrange técnicas orientadas pela hermenêutica, que sucintamente consiste em descrever, refletir e interpretar os sentidos e significados que um grupo social dá a sua experiência cotidiana em determinado contexto.

O grupo social foi caracterizado por 5 integrantes (incluindo o investigador), de uma cultura de movimento caracterizada pelo “se transportar” de bicicleta durante uma viagem, que ocorreu em janeiro e fevereiro de 2007, percorrendo as regiões centrais e norte do Chile, e o altiplano andino na Bolívia. Segundo Maturana & Verden-Zöllner (2004), reconhecemos as relações entre os membros desse grupo social, como uma rede de conversações em interação com diferentes culturas. Portanto, adotamos os recursos da etnometodologia nessa pesquisa, porque:

Trata-se da análise das maneiras habituais de proceder mobilizadas pelos atores sociais comuns a fim de realizar suas ações habituais. Essa metodologia leiga – constituída pelo conjunto do que vamos designar por etnométodos – utilizada, de forma banal mas engenhosa, pelos membros de um sociedade ou grupo para viverem juntos, constitui o corpus da pesquisa etnometodológica. (COULON, 1995, p. 15).

Segundo Neto (1999), o caráter reflexivo da etnografia gera uma dificuldade metodológica referente à simultaneidade dos processos de elaboração do

problema, trabalho de campo, análise e interpretação dos dados, que em outros modelos investigativos são definidos em momentos diferentes da investigação. Em nosso caso, esse processo ocorreu exatamente dessa forma, conforme convivíamos durante a Cicloviagem.

Neto (1999) ressalta que: “Cabe também assinalar que esse desenho de pesquisa vem demonstrando um elevado grau de eficácia em pesquisas de universos culturais particulares.” Durante nosso processo de participação imersos nessa cultura de movimento como investigador e objeto de investigação, realizamos uma descrição, reflexão e interpretação das situações e características em que as redes de conversações eram estabelecidas pelos integrantes do grupo. Documentamos nossas experiências através de um diário de campo, fotos e vídeos, e seguimos refletindo e interpretando esses dados até o mês de Setembro de 2007, durante alguns encontros em que reunimos os membros do grupo para realizar tal tarefa.

Desde o instante da elaboração de toda a proposta da viagem de bicicleta, nossa atenção se concentrou de forma natural na possibilidade de criação de uma rede de conversações com características diferentes das normalmente ocorrem nas modalidades esportivas institucionalizadas, que segundo Kunz (1991) são praticadas a partir dos princípios da sobrepujança e comparação objetiva. Por isso, a nossa vontade de viver uma cultura de movimento, centrada na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência, através da experiência do “se transportar” de bicicleta durante uma viagem, deu início à problematização que ora apresentamos nessa pesquisa.

3.2 Planejamento da Viagem de Bicicleta

Apesar do interesse de transformar essa experiência numa investigação científica, esse grupo não foi constituído exclusivamente para a realização dela. A idéia de formação desse grupo partiu de uma experiência anterior que vivemos em 2005, quando realizamos nossa primeira viagem mais longa de bicicleta (Florianópolis/Santiago).

O critério que estabelecemos para a formação do grupo pode ser resumido através do desejo comum de viajar de bicicleta, e estar consciente das dificuldades de conviver dois meses intensamente com pessoas diferentes entre si. Um dos objetivos comum dos integrantes do grupo era viver uma experiência construída numa forma de se relacionar diferente das relações que caracterizam a cultura ocidental moderna.

As principais diferenças refletidas *a priori* podem ser descritas da seguinte forma: a) ausência de hierarquia entre os integrantes do grupo; b) convivência na cooperação e no prazer de estar junto; c) respeito e aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência; e) valorização do processo em relação ao produto, ou seja, valorizar o caminhar e não nosso “destino final”; f) reflexão ética constante sobre nossa prática; e g) honestidade e responsabilidade sobre nossos atos e suas conseqüências diante do grupo.

Após a formação definitiva do grupo, decidimos pela transformação de nossa proposta num projeto com objetivos que vão além do simples viajar de bicicleta. Foi assim que surgiu o Projeto CicloPoiesis²⁴, e a escolha do trajeto que iríamos percorrer, que se configurou como a continuação da viagem que um dos integrantes já havia realizado em 2005, entre Florianópolis no Brasil e Santiago do Chile. Por esse motivo Santiago se transformou no início do trajeto dessa viagem que realizamos em 2007 (numa forma de continuação da anterior).

Outro motivo que influenciou essa decisão foi a oportunidade de visitar novamente o Instituto Matriztico, coordenado por Maturana e Ximena Dávilla em Santiago, para que pudéssemos compartilhar nossa experiência com as reflexões do autor e sua equipe, que segundo Kunz (2001) são muito importantes para o campo da Educação Física e das Ciências dos Esportes, principalmente em relação a compreensão do ‘se movimentar’ e a percepção enquanto fenômenos coincidentes.

²⁴ O conteúdo do projeto está disponível em <http://www.cicloviagem.org/projeto.html>

Nesse contexto, escolhemos como meta para orientar nosso caminhar, a cidade Boliviana de Copacabana, principalmente pela riqueza cultural e beleza natural dos locais que iríamos conhecer durante a viagem, e é claro, a distância e quantidade de dias que estávamos dispostos a realizar essa viagem.

3.3 Técnicas investigativas

3.3.1 Observação Participante

Com efeito, para que a explicação e interpretação sejam possíveis, é preciso, antes de tudo, observar e descrever. Isso pressupõe que nos tornaremos testemunhas diretas dos fenômenos que serão tomados como objeto. (COULON, 1995, p. 53).

Para Maturana (1988), um observador é um ser humano, sendo que a característica que nos define como seres humanos é um modo de viver na linguagem que pressupõe a consciência de estar observando algo no momento em que se observa. A principal implicação dessa perspectiva científica é a aceitação da união entre o observador e o observado, que demonstra a incoerência da pretensão de sermos capazes de fazer referência a uma realidade objetiva independente e universal, como pretende algumas abordagens científicas tradicionais, questionadas com profundidade e rigor pelo autor.

Segundo Molina Neto (1999), o ato de observar pode se transformar numa técnica científica de interação entre o investigador e o investigado, que pode ser utilizada para compreender os significados de ser parte do mundo em que o pesquisador está inserido para realizar sua pesquisa.

A observação participativa é uma técnica pela qual o investigador se introduz no mundo social dos sujeitos estudados, observa e trata de averiguar o que significa ser membro desse mundo. São tomadas notas detalhadas dos acontecimentos presenciados e mais tarde essas notas se organizam e são codificadas de modo que o investigador possa descobrir os padrões dos acontecimentos que se produziram neste mundo. (BIDDLEY, ANDERSON, 1999) (MOLINA NETO, 1999, p.126).

Consideramos que o processo de observação participativa iniciou no momento em que o grupo foi se constituindo e enquanto o Projeto CicloPoiesis

foi sendo elaborado, pois os objetivos desse projeto são paralelos aos objetivos dessa pesquisa. Portanto, como integrante do grupo e investigador deveríamos sempre estarmos atentos ao processo de criação das redes de conversações estabelecidas.

Procuramos observar principalmente como as relações entre os integrantes ocorriam em situações específicas associadas: a) ao estabelecimento ou ausência de hierarquias; b) comportamentos cooperativos ou competitivos; c) as oscilações de estados emocionais que surgiram durante o processo; d) a resolução de conflitos de interesses; e) relações de cuidado com o meio; f) decisões logísticas que envolviam o grupo todo; g) encontros significativos; e e) outras situações que pudessem contribuir com a pesquisa.

Documentamos esse processo através de um diário de campo, onde preenchíamos a data, a cidade, os dados do ciclo-computador e um breve relatório sobre o que havia ocorrido de mais importante naquele dia de acordo com as situações específicas citadas anteriormente (ver Anexo).

3.3.2 Entrevistas ou Re-encontros

Para não centralizar essa pesquisa nas experiências mais subjetivas do próprio investigador, e cruzar maneiras distintas de obter informações sobre a realidade que estamos estudando, optamos por realizar entrevistas com os integrantes do grupo que realizaram essa viagem de bicicleta. Essas entrevistas acabaram ocorrendo espontaneamente, com a participação dos integrantes do grupo durante todo processo de investigação. Por esse motivo optamos em denominar essas entrevistas de re-encontros.

Essas dinâmicas possibilitaram uma grande flexibilidade para o investigador e o investigado, mas seguiram um eixo relacionado com as situações escolhidas em conjunto com as bibliografias utilizadas, para serem aprofundadas nessa pesquisa, após a identificação da situação e a documentação do discurso e sua relevância.

A entrevista exploratória inclui o uso de informantes aos quais se pode perguntar com detalhes a respeito dos acontecimentos e sua interpretação. Normalmente essas entrevistas se iniciam de um modo não estruturado, ainda que mais adiante o investigador também possa formular perguntas estruturadas sobre a base de seu crescente conhecimento dos acontecimentos e da construção de realidade que fazem os informantes. (BIDDLE, ANDERSON, 1999) (MOLINA NETO, 1999, p. 128).

Seguimos as orientações de Molina Neto (1999) para realizar esses reencontros, mas adaptamos essa dinâmica à realidade da nossa pesquisa, e avaliamos que os resultados na aplicação dessa técnica de cruzamento de informações contribuíram muito com a fidelidade da investigação ao fenômeno estudado.

3.3.3 Análise de Documentos

Durante a viagem que realizamos, construímos um texto coletivo na forma de um diário de bordo, que foi publicado no site www.cicloviagem.org/texto.html durante a viagem. Os textos eram escritos semanalmente e relatavam algumas experiências e reflexões que ocorriam no trajeto. Também documentamos a viagem com imagens em vídeo, onde foram realizadas entrevistas com “Ciclovijantes” que encontramos pelo caminho, uma conversa coletiva com Maturana e seus colaboradores no Instituto Matriztico sobre a Biologia do Conhecer e do Amar, relacionada com nossa viagem de bicicleta, além de outras inúmeras situações que serviram de conteúdo para a realização dessa pesquisa. A viagem também foi documentada com fotos que expressam nosso cotidiano e o contexto em que a viagem foi realizada.

A comunidade dos “Ciclovijantes” do mundo e especialmente do Brasil, troca suas experiências através da internet, o que facilita o acesso a outros relatos diferentes do nosso. Portanto, além desses documentos que foram construídos em nossa viagem, utilizamos outros relatos²⁵ de distintas experiências para identificar possíveis aproximações ou afastamentos com nossas reflexões e interpretações.

²⁵ Esses relatos foram acessados através do site <http://www.clubedecicloturismo.com.br>

3.4 Organização das Informações

Segundo Geertz (apud MOLINA NETO, 1999), o método etnográfico é “uma descrição densa” de caráter interpretativo em que o pesquisador descreve e reflete sobre o que vê, ouve, fala e sente, relacionado com seu objetivo de pesquisa. Dessa forma, sistematizamos a interpretação como uma forma de tratamento das informações, considerando as características das criações de espaços relacionais que vivemos, através de redes de conversações, a partir do que Maturana & Verden_Zöllner (2004), denominam de conversações definidoras das culturas Patriarcal/Matriarcal e Matrística de acordo com o Quadro 1.

Demo (1989) sinaliza que toda formação social é suficientemente contraditória e está em permanente transição. Tal característica requer, ao ser estudado, um tratamento de totalidade, o qual poderá se manifestar em um texto como um sistema de significados. (Michelat, 1987). Assim é necessário para sua compreensão, uma análise das unidades que, articuladas na sua essência, lhe dão forma. Essas unidades de significados são o que chamamos de categorias. (MOLINA NETO, 1999, p. 119).

Conforme explica Molina Neto (1999), essas categorias foram surgindo junto com a obtenção e interpretação das informações através das diferentes técnicas que utilizamos e seus diversos níveis de compreensão. Devido à utilização de três técnicas de obtenção das informações distintas, vamos triangular as mesmas para legitimar nosso estudo no campo científico e evitar o máximo que pudermos qualquer superficialidade em relação ao tema que estamos abordando.

Nesse caso, a triangulação não só oferece a validade das inferências que fazemos sobre os dados como permite uma comprovação e um controle dos efeitos do processo de investigação sobre os dados (Hemmersley & Atkinson, 1994) (MOLINA NETO, 1999, p. 133).

3.4.1 Coerências Interpretativas

Destacamos, segundo Molina Neto (1999), dois tópicos, entre outros, que julgamos estar de acordo à nossa compreensão de tal coerência:

- A validade descritiva da pesquisa foi submetida à avaliação do grupo que realizou a viagem, para analisar os fatos relatados e fazer possíveis

modificações conforme o estabelecimento de consenso em relação às dúvidas que surgiram;

- A validade interpretativa interna e a validade teórica aconteceram contrastando nossas interpretações com diversos autores e disciplinas que serviram como o solo da estrada que percorremos nessa experiência científica.

4. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

4.1 Bicicletas e transformações culturais

Nessa primeira parte da discussão vamos descrever algumas experiências em que identificamos a recorrência de algumas características das redes de conversações, definidoras da cultura Matrística no processo de construção da cultura de movimento à qual pertencemos, que se estabeleceram durante nossa viagem. Em seguida vamos refletir e interpretar os significados dessas redes em dois contextos diferentes.

Uma é a cultura básica na qual nós, humanos ocidentais modernos, estamos imersos – a cultura patriarcal moderna. O outro é a cultura que, sabemos agora (GIMBUTAS, 1982 e 1991) a precedeu na Europa e que chamaremos de cultura matrística (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 35).

No dia 5 de janeiro de 2007 abandonamos a segurança de nossos lares, mesmo que temporariamente, para viver intencionalmente uma forma diferente de se relacionar. Iniciamos nossa viagem de bicicleta, que durou cinqüenta e quatro dias, onde deixamos para trás nossas casas e rotinas, família e amigos, trabalho e estudos. Essa condição nos proporcionou a experiência de viver um estado de desapego, nosso lar deixou de ser um espaço delimitado por muros, para se tornar todos os lugares onde nos fazíamos presentes.

Com isso, surgiu uma nova configuração de interações construídas principalmente sobre a necessidade de procurar um local para descansar, se alimentar e passar a noite após o período em que estávamos na estrada pedalando. Desde o princípio da organização da viagem, decidimos preferencialmente por acampar, principalmente por nossas condições financeiras, pois a hospedagem em pousadas, albergues ou hotéis

representavam um alto custo, que não era coerente com nossas condições materiais. Ao longo da viagem, acampar deixou de significar simplesmente economia e passou a representar um modo de viver que amplia as possibilidades de interações cooperativas e questiona as relações de apropriação que vivemos em nosso contexto cultural patriarcal como algo natural, justificado racionalmente como um direito que obedece a lógica de mercado.

Muitas vezes nossos acampamentos eram montados dentro da casa de algum nativo da região que nos oferecia abrigo, ou em alguma Instituição Pública (principalmente os Bombeiros chilenos), em praias, ou em locais à beira da estrada. Também existiram situações em que as pessoas nos convidavam para descansar em suas casas, espontaneamente, e outras em que optamos por pagar, em troca de hospedagem numa pequena pousada ou albergue. Dos 54 dias de viagem, nos hospedamos em pousadas apenas dez dias, sendo que 8 foram na Bolívia quando a viagem já havia praticamente terminado, e já estávamos num processo de retorno à nossa realidade cotidiana.

Nesses acampamentos conhecemos novos amigos e criamos diferentes espaços de convivência. Identificamos a recorrência de aproximadamente vinte situações em que fomos convidados espontaneamente como amigos, para compartilhar refeições e abrigo durante a noite. Na maioria das vezes, fazíamos uma refeição coletiva com essas pessoas, vivendo um momento de interação e troca de experiências, num ambiente de pura cooperação que permeava a compra dos alimentos e bebidas, o preparo do alimento, o compartilhar desinteressado no prazer da convivência e a organização final do ambiente.

No dia 11 de janeiro de 2007 vivemos uma situação muito especial. Chegamos à Reñaca no final de tarde, uma praia localizada ao lado de Viña del Mar, no Chile. Decidimos procurar um local para passar a noite e ao longe observamos uma placa que indicava um local de prática de Yoga, onde

conhecemos uma jovem chilena que nos convidou para acampar no quintal de sua casa.

Chegando ao local fomos recebidos por sua mãe, uma médica que nos recebeu como se fossemos antigos amigos da família. Tudo aconteceu de forma natural, nos apresentamos e contamos um pouco sobre nossa história e a viagem que estávamos fazendo. Nessa conversa nossas anfitriãs nos explicavam que aquela região era considerada uma “comunidade alternativa” dentro do contexto cultural hegemônico, uma forma diferente de se apropriar do espaço e de conviver. A principal característica era a ausência de fronteiras entre as casas, ou seja, não existiam muros e as casas estavam dispostas livremente pelo território, mesmo sendo propriedades particulares com espaços delimitados legalmente, mas pela forma que fomos recebidos, percebemos que a relação de apropriação naquele contexto era diferente.

Apesar de não conhecermos as outras pessoas que moravam naquele espaço, nossas anfitriãs nos explicaram que eles se relacionavam de forma democrática, com participação de todos como iguais nos assuntos coletivos, e que havia muita cooperação, respeito e harmonia entre as pessoas que conviviam naquele espaço. Quando anoiteceu perguntamos se poderíamos preparar um jantar para todos nós, elas responderam que sim e compartilhamos algumas histórias de nossas vidas enquanto comíamos e bebíamos. No final da noite elas disseram que havia espaço para passarmos a noite dentro da casa e que se desejássemos poderíamos ficar sem problemas. Aceitamos e fomos dormir com a sensação de estarmos entre amigos.

Outro aspecto interessante que vivemos nessa viagem foi a flexibilidade e abertura de nosso grupo em relação à participação de outras pessoas em nossa viagem. Saímos de Florianópolis em quatro pessoas, mas aproximadamente no meio da viagem um dos integrantes se desligou do grupo, e passamos a ser três. Durante a semana do dia 02 ao dia 10 de fevereiro de 2007, voltamos a ser quatro, agora com a presença de uma mulher que se integrou ao nosso grupo durante esse período, e depois retornou para o Brasil. Em San Pedro de Atacama conhecemos uma chilena que começou a viajar

conosco de forma bastante natural, e quando nos demos conta ela conviveu conosco durante 9 dias, até o dia 22 de fevereiro, quando iniciamos nossa volta para o Brasil.

Quando voltávamos para a estrada recordávamos de nossas experiências e essas situações passaram a significar a materialização de uma rede de conversações diferente das que caracterizam a cultura patriarcal. De acordo com as reflexões de Maturana & Verden Zölller (2004), partimos do princípio de que os principais elementos que caracterizam a cultura patriarcal são os desejos de apropriação, luta, competição, autoridade e poder. Em nossa vida cotidiana geralmente não percebemos que a forma como agimos revela as emoções que sustentam nossas ações, mas sempre agimos de acordo com essa condição, apesar da crença de que os fundamentos de nossas ações não são emocionais e sim racionais.

Segundo Maturana & Verden-Zölller (2004), a forma como agimos em nossa cultura hegemônica produz relações de negação de si mesmo, e dos outros com quem convivemos que são justificados com a valorização da razão e dos argumentos racionais, que defendem o domínio da natureza e a competição como valores *em si*, compreendidos como características do mundo natural e de nossa natureza humana. Mas segundo esses autores, esse agir e sua conseqüente justificativa racional valorizam o resultado e a utilidade dessas ações em relação ao processo de viver o presente. “Como o próprio Max Weber a define: é um ‘agir racional sempre voltado para fins,’ imediatos e utilitários” (KUNZ, 2001).

Maturana & Verden-Zölller (2004) reconstroem a história da constituição da cultura patriarcal, e iniciam esse processo explicando como o desejo de apropriação passou a ser conservado entre nossos ancestrais durante gerações. Sustentados pelos trabalhos da antropóloga Gimbutas (1982 e 1991) eles descrevem o modo de viver dessa cultura como um grupo, ou família de seres humanos que seguiam manadas de animais migratórios, que serviam de alimento para eles e outros animais como os lobos. Com o decorrer das interações desse grupo com essa dinâmica, começaram a se apropriar desses

animais migratórios cercando-os e impedindo o acesso de outros animais comensais a esses animais arrebanhados, surgindo assim a figura do pastor.

Contudo, quando o rechaçar, o perseguir os lobos e o correr com eles – de modo que não se alimentassem da manada – transformou-se numa prática cotidiana, aprendida pelas crianças geração após geração, produziu, entrelaçada com essa prática, uma mudança básica no emocionar dos membros de tal comunidade e surgiu um modo de viver na proteção da manada. Isto é: surgiu um modo de vida que incluía o emocionar da apropriação e defesa daquilo que havia sido apropriado. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2005, p. 57 - 58).

De acordo com essa perspectiva e com as experiências que vivemos durante nossa viagem de bicicleta, observamos uma mudança interessante em nós mesmos e em outras pessoas que interagimos, no emocionar de apropriação que sempre esteve presente em nossas vidas como membros da cultura patriarcal. Nos 54 dias de viagem, nossas ações foram caracterizadas por 4 situações que consideramos como a materialização da mudança de nosso agir e emocionar: a) abandono provisório de nossas casas; b) desapego em relação aos objetos que possuímos em nossa vida cotidiana, pois só podíamos possuir o que carregávamos na bicicleta; c) conviver em harmonia com outros seres e com o ambiente; d) conhecer e conviver com pessoas que nos aceitavam e conseqüentemente nos convidavam para compartilhar experiências em suas propriedades particulares; e e) utilização de um meio de transporte que não é movido a combustível fóssil, pois compreendemos que atualmente a exploração do petróleo é um dos símbolos mais representativos da materialização do desejo de se apropriar da natureza em nossa cultura hegemônica.

Outro aspecto que esteve presente em nosso grupo, através de nossas ações e reflexões, foi a manifestação do desejo *a priori*, de problematizar as relações de competição em nossa cultura hegemônica. Tanto no senso comum como na comunidade científica, a compreensão sobre o que reconhecemos como competição foi naturalizada, ou seja, passou a ser considerada como um fenômeno que pertence à nossa natureza biológica como seres vivos.

Uma das principais influências do estabelecimento dessa compreensão foi a publicação da obra do biólogo Charles Darwin, que segundo Maturana (1995), foi interpretada como uma explicação do processo evolutivo como uma luta pela sobrevivência, onde apenas os mais fortes sobrevivem num contexto que justificaria a competição como algo inerente aos seres vivos, mas o autor considera essa perspectiva como equivocada no domínio biológico, especificamente no que diz respeito ao processo evolutivo das espécies. Sendo assim, o autor explica que a competição é um fenômeno cultural que surgiu com o estabelecimento da cultura patriarcal, como consequência do emocional da apropriação.

Se dois animais se encontram diante de um alimento e apenas um deles o come, isso não é competição. Não é, porque não é essencial, para o que acontece com o que come, que o outro não coma. No âmbito humano ao contrário, a competição se constitui culturalmente, quando o outro não obter o que um obtém é fundamental como modo de relação. (MATURANA, 2005, p. 21).

A diferença das condutas competitivas dos seres humanos em relação às condutas dos animais reside em nossa capacidade de orientar nossas ações pensando nas consequências futuras das mesmas, ou seja, em nossa capacidade de reflexão, onde surge a possibilidade da distinção por um observador de um prêmio que um obtém, enquanto o outro não. Os outros animais, diferentemente dos seres humanos, vivem no presente e não desenvolveram essa capacidade de reflexão, portanto todas as suas ações são orientadas para o presente. Como no exemplo citado anteriormente, dos cachorros que se encontram diante de um pedaço de carne, suas condutas pertencem ao presente e não podemos dizer que eles estão competindo, porque eles estão agindo da forma que eles agem, apenas para conservar suas organizações e adaptações num processo de co-existência harmônica.

Nesse sentido, decidimos antecipadamente constituir um grupo que vivesse imerso em relações de cooperação, desde o instante da formação do mesmo, foi assim que estabelecemos o caráter cooperativo de nossa cultura de movimento, definindo nossos objetivos implícitos em relação as nossas ações:

- a) Evitar relações competitivas entre os membros do grupo, com outros seres

humanos e com a natureza; b) Não reconhecer nossas experiências como uma prática esportiva, que visa a *performance* e o rendimento técnico; c) Organizar as relações do grupo de forma horizontal sem hierarquias e relações de poder desiguais; e d) Conviver na honestidade e respeitar a individualidade de cada um no contexto coletivo, sendo que estávamos cientes desde o início da influência de nossos atos diante do grupo e do meio em geral.

Logo no início da viagem, observamos a preocupação dos membros do grupo em equilibrar o peso das bagagens que carregávamos, pois éramos cientes que naquele contexto até nossas roupas poderiam ser compartilhadas, que os equipamentos de documentação da viagem eram responsabilidades de todos, que os alimentos e a água seriam divididos conforme as necessidades de cada um. Enfim observamos na prática que a cooperação era o elemento central para a conservação do grupo, portanto agimos dessa forma intencionalmente para realizar o que estávamos nos propondo.

Nossos ritmos de pedalar, nossos hábitos alimentares e nossas visões de mundo eram diferentes. Por isso tínhamos que aprender a conviver com essas diferenças, de forma que a flexibilidade e a cooperação geralmente se manifestavam através da compreensão dessas variações numa tentativa de equilibrar essa condição: a) Harmonizando o ritmo individual de “se transportar” de bicicleta, num único ritmo coletivo que não fosse muito forte nem muito fraco; b) Aprendendo a compartilhar alimentos e bebidas que satisfaziam os gostos e necessidades nutricionais de todos; e c) Dialogando e refletindo quando nossas visões de mundo entravam em conflito.

Como dissemos anteriormente, desde o instante da elaboração do projeto, nossos propósitos eram claros em relação ao caráter não competitivo das experiências que estávamos em vias de materializar. Apesar das contradições e das dificuldades que surgiram durante a viagem, o objetivo de valorizar o “se transportar” de bicicleta e não o destino, a percepção da natureza como nosso lar, e a quase total ausência de preocupações em relação a perceber o que vivíamos como uma “corrida”, uma prova de resistência ou um desafio, se concretizaram.

Com o passar do tempo fomos identificando que alguns integrantes do grupo tinham mais facilidade para determinadas tarefas, e naturalmente fomos assumindo responsabilidades que contribuía para o grupo. Por exemplo, enquanto um se identificava mais com as questões relativas à alimentação, outro procurava um local para passar a noite, enquanto outros documentavam a viagem e trabalhavam para divulgar a mesma, e diversas outras situações que ocorreram naturalmente e foram se estabilizando no grupo, como uma forma cooperativa de viver sem relações de hierarquia.

No dia 5 de fevereiro de 2007, vivemos uma situação que ilustra a importância da cooperação em nosso grupo. Estávamos nos arredores de San Pedro de Atacama, pedalando sentido Águas de Puritama, uma região onde se pode tomar um banho numa nascente de águas termais, quando o pneu (não foi a câmara) de um dos integrantes estourou devido a diminuição da pressão atmosférica associada à altitude de 3 mil metros em que nos encontrávamos. Estávamos sem pneu reserva e sem equipamentos adequados para resolver aquele problema, o que nos uniu de determinada forma que ficou evidente a aceitação e mobilização coletiva para solucioná-lo, e que imediatamente se tornou responsabilidade de todos.

Havíamos acabado de passar por um local onde vivia um senhor solitário em pleno deserto, que nos emprestou algumas ferramentas, inclusive cola e remendo de pneu, representando a cooperação de pessoas externas ao nosso grupo de forma espontânea e natural. Resolvemos o problema e seguimos viagem num ritmo mais lento, tomando cuidado para que o nosso conserto improvisado não se rompesse. Atualmente observamos que essas relações só podem ocorrer quando existe honestidade e responsabilidade sobre as ações e conseqüências de nossas ações diante do grupo, pois observamos que a cooperação só pode se manifestar quando somos conscientes que todas as nossas ações interferem no domínio de interações do planeta. “Portanto, se quisermos atuar de modo diverso, se quisermos viver num mundo diferente, devemos mudar nossos desejos. Para isso precisamos mudar nossas conversações” (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2005, p.113-4).

De acordo com essas condutas cooperativas que se configuraram durante nossas experiências, observamos um contraste entre o nosso modo de viver e o que normalmente ocorre no contexto cultural hegemônico, especificamente no domínio do “se movimentar” enquanto prática esportiva. De acordo com Bracht (2003) o esporte moderno é um fenômeno sócio-cultural dinâmico que surgiu na Europa do século XVIII e expandiu-se pela cultura ocidental com rapidez. O que define uma cultura de movimento como esporte são as seguintes características: competição, rendimento físico-técnico, busca pelo *record*, racionalização e abordagem científica do treinamento.

Para compreender melhor as diferenças entre as experiências vividas em nosso grupo e as práticas esportivas, vamos retornar a nossas reflexões, relacionadas à reconstrução histórica do emocionar e ações que deram origem ao modo de viver patriarcal, nesse sentido vamos continuar seguindo o caminho explicativo proposto por Maturana & Verden-Zöllner (2004). Devido à apropriação dos animais que eram considerados como alimento por nossos ancestrais, através da limitação espacial imposta por muros ou cercas, outros animais que eram comensais desse rebanho passaram a ser considerados como ameaças àquela ordem estabelecida, surgindo assim a insegurança e a figura do lobo como inimigo.

Além do mais, quando surgiu o emocionar da insegurança, a segurança começou a ser vivida como a total exclusão dos lobos por meio da morte. Entretanto, ao ocorrerem essas modificações no emocionar e no agir, deve ter aparecido outra mudança no emocionar. Ela constituiu uma alteração básica e nova na maneira de viver da comunidade, a saber, a inimizade como desejo recorrente de negar a um outro em particular. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2005, p. 57 - 58).

Essas condutas se conservaram durante gerações e o emocionar da insegurança passou a ser vivido em relação a tudo que ameaçasse o modo de vida do indivíduo e do grupo, inclusive outros seres humanos passaram a ser percebidos como inimigos, quando eles eram considerados como ameaças. “Assim, uma vez que as conversações de inimizade e apropriação foram aprendidas na vida pastoril, elas puderam ser vividas em outros domínios de existência.” (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2005, p. 59).

A partir dessas explicações, compreendemos que o emocional da apropriação e da insegurança se tornaram o fundamento do que distinguimos como competição em nossa cultura hegemônica, e que a prática esportiva se funda nesse emocional. Para Maturana (2005) competição significa dependência, um modo de viver centrado na negação de si mesmo, através da orientação consciente de ações que objetivam estabelecer uma relação de dominação e afirmação do poder de uns em relação a outros.

Portanto, o que dissemos até aqui é que: competir é uma ação vinculada ao desejo de se apropriar e de manter a segurança através da concentração de poder em um dos pólos dessa relação, e que para transformar esse modo de viver, primeiramente devemos modificar nosso emocional, enquanto desejo de viver em harmonia com tudo e todos num compartilhar mais responsável em relação à apropriação.

Viver ações cooperativas não significa ausência de diferenças ou de conflitos. Por exemplo, no fluir de nossas experiências ocorreram diversas situações em que, diante de uma bifurcação no caminho, uma parte do grupo desejava seguir por um lado, enquanto a outra parte desejava seguir pelo outro lado. Ao invés de tentar afirmar nosso posicionamento em relação ao outro, geralmente tentávamos compreender os fundamentos dos desejos das partes numa reflexão sobre o que seria mais interessante para o grupo enquanto unidade, e a resolução das tensões se dissolviam naturalmente no momento em que se estabelecia o consenso entre o grupo de forma responsável e sem qualquer espécie de submissão em relação à autoridade de alguém. Devido à recorrência dessas ações em diversos contextos, observamos uma mudança na rede de conversações de nosso grupo, através de uma mudança emocional caracterizada pelo respeito mútuo.

De acordo com Maturana & Verden-Zöller (2004) consideramos esse modo de viver cooperativo como a criação de relações democráticas, num contexto cultural mais amplo que estamos denominando de patriarcal.

E a mudança cultural em geral não é fácil – não o é, sobretudo, em nossa cultura patriarcal, que constitutivamente é um domínio de conversações que gera e justifica, explicitamente, ações destrutivas contra aqueles que direta ou indiretamente a negam com sua conduta. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2005, p. 59).

Enfim, viver a democracia é reconhecer a participação de todos os integrantes de um grupo como legítimos na convivência, transformar as relações de autoridade e submissão em relações de igualdade e liberdade no respeito mútuo, que se manifestam como um convite a viver um modo de existência centrado na cooperação e co-inspiração coletiva. Apesar das contradições e dificuldades em reorientar nossas ações e emoções patriarcais, observamos que a constituição e o fluir de nossas experiências significa a concretização de transformações específicas das redes de conversações que definem a cultura patriarcal, na direção de uma cultura “neomatrística” democrática.

O que observamos até aqui é o seguinte: se agimos de forma questionadora e não reproduzimos esse modo de viver centrado no emocional da apropriação, insegurança e competição abrimos novas possibilidades de interações, numa dinâmica completamente diferente da que estamos acostumados a viver em nosso cotidiano cultural patriarcal hegemônico de negação. No fluir de nossas interações com outras pessoas, nossas condutas revelavam nossas emoções como um desejo materializado de viver uma nova rede de conversações, que reconhecemos como a possibilidade de construção de uma cultura de movimento “neomatrística” democrática, presente inclusive em nossos discursos, quando afirmávamos que estávamos promovendo ações e reflexões que problematizam, através do “se transportar” de bicicleta, a forma como a humanidade construiu suas relações históricas com ela mesma e com o meio, reflexão que surgiu antes do período da viagem e que se situa no corpo do objetivo geral do Projeto CicloPoiesis.

Durante todo o processo de nossas experiências, diferentes pessoas nos perguntavam diariamente: “Porque vocês estão viajando de bicicleta e não de avião, ônibus, carro ou moto, não é mais rápido?” Nossa resposta era sempre a mesma, explicávamos que o nosso objetivo não era chegar a algum

lugar, nosso objetivo era viver o caminho. Geralmente as pessoas ficavam curiosas e interessadas em saber mais sobre esse modo de viver, e com isso vivemos e despertamos muitas reflexões sobre nossa relação diferente com o tempo e o sentido de nossas ações.

Segundo Kunz (2001), “somos verdadeiramente envolvidos por uma onda de produtividade a tal ponto que fica evidente a todos que o útil deve ser o critério por excelência da vida humana. Esse critério é assumido sem a maior reflexão sobre seu significado.” Numa cultura que valoriza a produtividade no menor espaço de tempo, e que valoriza o produto em relação ao processo, “se transportar” de bicicleta, significa uma possibilidade de questionar esses valores resgatando a experiência de viver o tempo subjetivo como um fluir natural e não como uma “corrida contra o relógio”, perceber o presente enquanto existência concreta em contraste com uma projeção futura que só existe no plano das idéias ilusórias.

O pensamento Patriarcal é essencialmente linear, ocorre num contexto de apropriação e controle, e flui orientado primariamente para a obtenção de algum resultado particular porque não observa as interações básicas da existência. Por isso, o pensamento Patriarcal é sistematicamente irresponsável. O pensamento Matrístico, ao contrário, ocorre num contexto de consciência da interligação de toda existência. Portanto, não pode senão viver continuamente no entendimento implícito de que todas as ações humanas têm sempre conseqüências na totalidade da existência (MATURANA & VERDEN ZÖLLER, 2004, p. 47).

Segundo Maturana (1995) a noção de tempo em nossa cultura hegemônica está intimamente associada com a noção de realidade, que geralmente percebemos como algo independente de nossas ações, mas segundo o autor essa perspectiva não é coerente com a nosso operar biológico como seres *Autopoiéticos*. O tempo é uma noção que se configura durante o operar de um ser humano que vive na linguagem, para explicar a experiência dos fluxos dos acontecimentos que ocorrem durante o período de sua existência. Cardoso (2004) amplia essa reflexão distinguindo duas noções de tempo que já existia entre nossos ancestrais gregos a mais de 2 mil anos atrás: um interno denominado de *Kairós* e outro externo denominado de *Krónos*.

Inicialmente porque a “natureza humana” é dotada de dois tempos: um exterior, também chamado de cósmico (*kronós*) e que se permite dimensionar e medir. Assim como faz o relógio, que mede o tempo quando realizamos uma experiência; e outro interior (*kairós*), que não pode ser medido, e só determinadas faculdades humanas conseguem acessá-lo. (CARDOSO, 2004, p. 95).

Em nossas experiências, essas duas noções de tempo interno e externo que surgem em nosso operar como seres *Autopoiéticos* foram objetos de muita reflexão, pois logo nos primeiros dias percebemos um fenômeno de “dilatação” subjetiva do tempo cronológico. Recordamos que na primeira semana de viagem um dos integrantes disse que aquele período era equivalente a um mês ou mais de vida. Essa reflexão se materializou como um contraste entre nossas noções de tempo externo e interno no contexto cultural hegemônico e o que estávamos vivendo durante a viagem.

Num encontro com Maturana e seus colaboradores no **Instituto Matriztico** (2007), a relação com o tempo e o “se transportar” de bicicleta também fizeram parte de nossas reflexões. Conversamos sobre a importância de viver o presente por um motivo muito simples de se compreender, porém muito complicado de se viver no contexto cultural hegemônico, onde geralmente orientamos nossas ações pensando em resultados futuros. A todo instante determinamos potencialmente o que poderá acontecer no instante seguinte, por esse motivo o instante presente de nossas existências como seres *Autopoiéticos* sempre é o momento mais importante de nossas vidas.

So, we exist in this wonderful experiential situation in which we as observers that exist in the present, are the source of everything, even of that which we may treat in the coherences of our experiences as observers as entities that through their operation give rise to the operation of observing and the explaining of their occurrence in a closed domain of explanations. (MATURANA, 1995, p. 8).²⁶

Comumente não valorizamos o instante presente em nossa cultura hegemônica, e um dos aspectos dessa condição é um tipo de segurança em

²⁶ Dessa forma, existimos nessa situação experimental maravilhosa, em que, como observadores que existem no presente, somos as fontes de tudo, mesmo aquilo que tratamos como coerências de nossas experiências como observadores, entidades que através de seu operar (total) criam as condições para a operação (específica) de observar e explicam a sua ocorrência num domínio explicativo fechado. - Tradução própria a partir do texto original.

relação à continuidade de nossas existências, durante o cotidiano de nossos hábitos e rotinas que se repetem diariamente. Na viagem essa segurança se dissolveu na incerteza, que se manifestava através da compreensão de que a cada giro das rodas de nossas bicicletas, um mundo de possibilidades se abria ao mesmo tempo em que cada caminhão que passava mais próximo de nossas corporeidades em alta velocidade, nos lembrava que a qualquer momento poderíamos perder nossas organizações *Autopoiéticas*.

Num dos trechos mais intensos de nossa experiência, entre Paposo e Antofagasta no norte do Chile, em pleno deserto do Atacama, vivemos nos dias 29, 30 e 31 de janeiro de 2007 um momento muito difícil. Saímos pela manhã de Paposo, uma vila de pescadores que se situa ao nível do mar e pedalamos aproximadamente 70 km até um acampamento de operários que construíam uma nova estrada a 3 mil metros de altitude. Sabíamos que existia um observatório do céu nessa região, denominado de Paranal onde procuraríamos por abrigo, mas não esperávamos encontrar tanta dificuldade para chegar nesse local. Além da altitude, do vento forte e contra e do cansaço, a água e a comida já estavam acabando quando encontramos esse acampamento.

Nesse momento sublime de silêncio e imensidão nos sentimos conectados com tudo, percebemos o valor do ar que respirávamos, da água que bebíamos e de nossos esforços para seguir pedalando sob aquele céu que se misturava com as montanhas numa rede que desfez temporariamente as fronteiras que nos separavam do mundo. Nesses instantes de dificuldades estabelecemos uma relação diferente com o processo cíclico de vida e morte, geralmente vivemos nossas vidas como se a morte fosse algo distante até que uma situação nos lembre ela, e ao invés de medo sentimos um estado de paz interior, uma espécie de reconhecimento de que o processo de viver e morrer são ciclos naturais sempre presentes em nosso cotidiano.

Nós, humanos, podemos ter de maneira espontânea, num momento ou em outro de nossas vidas, uma experiência peculiar. E a vivemos como uma percepção súbita de nossa conexão e participação num domínio mais amplo de existência, para além do encontro imediato. Sustento que essa experiência peculiar de perceber que se pertence ou se é parte de um âmbito de identidade maior que o da estreita vida individual é o que

em geral se conota, em diferentes culturas, quando se fala de uma experiência mística ou espiritual. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 63).

De acordo a essa perspectiva de Maturana & Verden-Zöller (2004), vivemos outras experiências que reconhecemos como místicas ou espirituais, assim como esse momento que acabamos de descrever. Essas experiências geralmente ocorriam em momentos de contemplação da paisagem, em encontros com pessoas especiais ou em situações de entrega consciente ao fluir natural de viver e morrer. Todas essas situações possuem algo em comum, ou seja, foram experimentadas como algo cotidiano, e que ocorreram durante o fluir de nossas interações sem referências a um mundo que existia além daquilo que estávamos vivendo. Isso parece trivial, mas não é.

Segundo Maturana & Verden-Zöller (2004), a constituição da espiritualidade de nossos ancestrais que viviam numa cultura matrística, surgiu como uma experiência de conexão com todos os elementos que pertenciam à realidade daquele grupo, de uma compreensão sobre a coincidência da origem de tudo e todos, como filhos de uma única “mãe”, num ciclo natural de viver e morrer incessante que se renova a cada instante. Nesse sentido, acabamos vivendo experiências espirituais e místicas que estavam diretamente relacionadas com o nosso cotidiano e o estado presente que vivíamos, portanto reconhecemos que nossas experiências espirituais também fizeram parte da configuração e construção de uma cultura de movimento “neomatrística”.

No dia 13 de janeiro de 2007, encontramos um andarilho na estrada, que estava a caminho de Santiago do Chile. Estava caminhando à alguns meses e havia atravessado todo norte chileno a pé. Sua pele castigada pelo sol e seu olhar expressavam o sofrimento físico, psicológico e espiritual que ele estava vivendo, e o único objeto que carregava era uma bíblia. Enquanto conversávamos, ele citava trechos da bíblia e discursava sobre o poder de Deus, e dos erros que havia cometido no passado, expressando um sentimento de culpa e “auto-flagelação”. Observamos a lucidez daquele homem e identificamos uma vontade de se redimir para seguir vivendo sua vida em paz, como se aquela caminhada representasse o pagamento de uma dívida que ele

havia contraído, e que ele pretendia pagar demonstrando sua submissão diante da autoridade divina.

Segundo Maturana & Verden-Zöller (2004), por outro lado, a espiritualidade da cultura patriarcal deve ter surgido através das experiências dos pastores solitários, que em épocas de seca guiavam seus rebanhos para terras mais férteis e passavam longos períodos longe da segurança de sua comunidade. Ao mesmo tempo em que esses pastores se preocupavam em defender seu rebanho dos lobos, passavam noites e dias sozinhos presenciando tempestades de raios, e diversos fenômenos naturais que podem ter se tornado uma representação ameaçadora de forças inexplicáveis.

Tal ambiente, ao mesmo tempo cheio de inimizade e amizade, simultaneamente belo e perigoso, é um domínio cósmico no qual só se pode existir na submissão e obediência. “Pertencço ao cosmos apesar de minha infinita pequenez; submeto-me ao poder dessa totalidade obedecendo às suas exigências, tal como me submeto à autoridade do patriarca.” Essa poderia ser a descrição de uma experiência mística, vivida por nosso pastor imaginário na solidão de uma noite aberta nas montanhas. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 66).

Segundo os autores, essa perspectiva nos proporciona compreender que a religião judaico-cristã é uma derivação desse contexto que acabamos de descrever brevemente, onde a espiritualidade começa a ser vivida na forma de uma relação de autoridade e submissão, poder e obediência a uma força que assumiu a identidade de Deus que tudo controla, inclusive o destino dos homens. Quando nos encontramos com aquele andarilho, observamos sua humildade, a impecabilidade de sua razão, e o brilho dos olhos de uma pessoa que já não acreditava mais em sua existência nesse mundo em que vivemos, sua preocupação era obter o perdão de Deus para ser aceito no “reino de Deus”, que segundo a religião judaico-cristã é um lugar além de nossas existências.

A experiência mística da cultura pastoril provavelmente foi de conexão com um reino abstrato de natureza completamente diverso daquele da vida diária. Isto é, essa experiência mística deve ter sido de pertença a um âmbito de existência transcendental, e assim se constituiu numa abertura para ver o invisível. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 66).

É muito importante ressaltar que não estamos negando ou afirmando a existência de Deus, porque compreendemos que essa palavra representa a origem de tudo e de todos, existindo várias possibilidades de se relacionar com o significado dessa representação. Seguindo a reflexão de Maturana & Pörksen (2004), e finalizando de uma forma que resume tudo que dissemos e refletimos até aqui, sobre nossas experiências espirituais: Não cremos em Deus, existimos no reino de Deus.

Com base no que foi exposto até aqui, compreendemos que vivemos em situações específicas uma rede de conversações “neomatrísticas” democráticas, e que estamos apontando alguns aspectos norteadores que podem contribuir com a construção de uma cultura de movimento diferente das práticas competitivas, ampliando os significados do “se transportar” de bicicleta numa viagem, no campo da Educação Física como uma possibilidade de resgate das características do modo de viver matrístico, que possibilitaram o surgimento do ser humano.

É ele que de fato vivemos quando, honestamente, nas relações neomatrísticas de uma vida honesta, nas conversações que constituem a vida democrática, tornamo-nos responsáveis por nossa racionalidade e responsabilizamos-nos por nossos desejos. (MATURANA & VERDEN ZÖLLER, 2004, p. 114).

4.2 “Se transportando” de bicicleta na cultura ocidental moderna

Em nossa infância, vivemos imersos naquilo que é uma cultura principalmente matrística. Na vida adulta, vivemos quase que exclusivamente uma cultura patriarcal. No entanto, se nos dermos conta dessa oposição, teremos oportunidade de refletir e dar à racionalidade seu verdadeiro valor. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 112).

No fluir de nossas interações, observamos que apesar de reconhecer durante a investigação, alguns aspectos de uma cultura “neomatrístico” em nosso modo de viver, também identificamos algumas dificuldades no processo de configuração da rede de conversações, que se materializou durante a construção diária de nossas experiências. Essas dificuldades ocorreram no domínio relacional entre os integrantes do grupo e no domínio relacional entre

o grupo e o contexto cultural mais amplo, que denominamos de ocidental moderno.

“O conflito básico de nossa cultura patriarcal européia, está, ainda na luta entre o matrístico e o patriarcal que a originou, e que ainda vivemos de modo extremo na transição da infância à vida adulta, como logo veremos” (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 83). Por outro lado, observamos que quando nos dispomos a resgatar um modo de viver matrístico no contexto da cultura ocidental moderna, acabamos vivendo algumas dificuldades que nos impeliram a agir de acordo com as redes de conversações do patriarcado, mesmo reconhecendo que essas ações geralmente eram estratégias conscientes para continuar vivendo nesse contexto.

4.2.1 Influências patriarcais entre o grupo

No dia 20 de janeiro de 2007 saímos da cidade portal do deserto do Atacama, Cachiyuyo, para pedalar poucos quilômetros até o pequeno povoado de Domeyko, onde vivemos uma experiência singular. A harmonia entre os integrantes do grupo estava desgastada e decidimos por uma conversa honesta, numa tentativa de restabelecer a harmonia entre o grupo. Sentamos em círculo na praça da cidade e um dos integrantes puxou uma roda de conversa, evocando um ritual onde cada um teria a oportunidade de falar tudo que quisesse sem ser interrompido, enquanto todos escutavam o que era dito, e esperavam sua vez de falar.

Essa dinâmica foi um dos momentos mais especiais da viagem, todos discursaram com o “coração”, ou seja, foram honestos em relação a suas percepções sobre alguns problemas que estavam causando desarmonia entre o grupo. Nas condutas dos integrantes observamos claramente uma atitude de respeito, aceitação e sinceridade, mas após a dinâmica ficou evidente que a origem desse conflito era uma oposição entre duas visões de mundo diferentes entre os integrantes do grupo.

Conforme observamos anteriormente, segundo Maturana (1988), existem dois domínios ontológicos distintos em que um observador pode explicar um fenômeno ou realidade. O autor denomina esses domínios de: a) objetividade sem parênteses; e b) objetividade entre parênteses. Quando um observador age de acordo com a objetividade sem parênteses, ele aceita *a priori* a possibilidade da existência de uma realidade independente do observador, que pode ser revelada através de um acesso privilegiado à verdade dos fenômenos através da razão.

Da mesma maneira, devido a sua forma de constituição, esse caminho explicativo necessariamente leva o observador a requerer um único domínio de realidade – um universo, um referente transcendente – com a fonte única de validação para as explicações que ele ou ela aceita, e como consequência, para a contínua tentativa de explicar todos os aspectos de sua práxis de viver reduzindo-as a esse referente. (MATURANA, 2002, p. 249).

Segundo Maturana (1988), esse domínio ontológico é constitutivamente uma negação do outro como legítimo na convivência, pois esse apelo ao conhecimento da realidade ou verdade é o mesmo que coagir alguém a aceitar uma explicação, sob o risco de ser considerado incapaz de acessar esse conhecimento. Portanto, agir nesse domínio é o mesmo que estabelecer uma relação de autoridade e submissão, através de petições de obediência.

Por outro lado, segundo o mesmo autor, se o observador aceita que ele é a fonte de todo conhecimento através da distinção, e que constitutivamente, enquanto organismo *Autopoiético*, não é possível se referir a uma realidade ou verdade independente do observador, conseqüentemente abrimos a possibilidade da existência de diferentes realidades ou verdades a partir das escolhas que o observador aceita como explicações, no sentido de se adequarem às reformulações das experiências que ocorreram. Dessa forma nos tornamos responsáveis pelas explicações e pelos domínios de realidade que nos referimos, e não podemos exigir que alguém aceite nossas explicações utilizando argumentos racionais, ou pretensos referenciais de verdades que sejam independentes da operacionalidade do observador. Isso é o que se denomina de domínio ontológico constitutivo, ou realidade entre parênteses.

O observador que segue esse caminho explicativo se dá conta de que ele ou ela vive num *multiversa*, ou seja, em muitas realidades explicativas diferentes, igualmente legítimas, mas não igualmente desejáveis, e que num multiverso um desacordo explicativo é um convite a uma reflexão responsável sobre a coexistência, e não uma negação irresponsável do outro. (MATURANA, 2002, p. 253).

Mas na viagem ocorreu algo distinto. Um de nós manifestou sua insatisfação sobre a concretização do Projeto CicloPoiesis e o processo de “se transportar” de bicicleta que estávamos vivendo durante a viagem, sistematizados da seguinte forma: a) Presença de duas perspectivas antagônicas sobre um problema que surgiu antes da viagem, ainda no processo de organização do Projeto; b) Ritmos diferentes; c) Diferenças alimentares significativas que criavam dificuldades no processo cooperativo de se alimentar; e d) Ausência de identificação com os objetivos do Projeto e com as atividades de documentação e divulgação.

Após dois dias de silêncio e reflexões depois da dinâmica em Domeyko, no dia 22 de janeiro de 2007, na cidade chilena Copiapó vivemos o auge desse processo, quando ocorreu uma discussão muito intensa entre os integrantes do grupo. O conflito envolveu todos nós enquanto unidade, que acabou se organizando de outra forma, após a decisão de um dos integrantes de se desligar do Projeto CicloPoiesis e continuar sua viagem sozinho, para viver de acordo com seus objetivos individuais, visão de mundo, ritmo de “se movimentar”, forma de se alimentar e principalmente sem as responsabilidades inerentes ao projeto que havíamos construído.

Todo conflito foi vivido com responsabilidade e honestidade, numa tentativa de esclarecimento sobre a incompatibilidade das ações e emoções, que configuravam a existência daquela situação. A separação ocorreu sem agressões físicas ou verbais, mas foi realizada através de declarações sinceras sobre a impossibilidade de se manter as relações naquele contexto específico.

Segundo nosso entendimento, isso não caracteriza o emocionar de negação do outro como legítimo na convivência, mas também não pode ser

considerada como uma aceitação do outro como legítimo na convivência, pois houve um consenso entre ambas as partes de que aquele convívio estava causando sofrimento em todos os envolvidos no grupo. Em parte reconhecemos a impossibilidade de se referir a alguma das partes como certa ou errada através de argumentos transcendentemente válidos, mas enquanto isso, continuamos acreditando em nossas perspectivas e não validamos a posição contrária.

Essa situação acabou se tornando uma expressão das dificuldades de se viver uma rede de conversações democráticas, e não a negação da democracia, pois nessa situação específica, se caracterizaria apenas se nos referíssemos a uma realidade independente do observador, como se fosse possível o acesso privilegiado da verdade através da razão, e em diversas reflexões reconhecemos abertamente que isso não era possível. A questão ainda permanece em aberto e as duas perspectivas antagônicas ainda são contraditórias e igualmente válidas ou inválidas, conforme a perspectiva que escolhemos.

Mas como integrante do grupo e investigador, reconhecemos que devemos descrever esse acontecimento com certo distanciamento mais cuidadoso, tentando assumir o posicionamento de um terceiro observador, refletindo sobre essa experiência para que nossa perspectiva não se torne unilateral. Nesse momento, vamos tentar explicar o que ocorreu no domínio da realidade entre parênteses.

Do mesmo modo, quando um observador aceita esse caminho explicativo, ele ou ela se torna consciente de que dois observadores que fazem surgir duas explicações que se excluem mutuamente, em face daquilo que para um terceiro observador pareça ser a mesma situação, não estão dando diferentes explicações para uma mesma situação, mas todos os três observadores estão operando em domínios de realidades diferentes, igualmente legítimos, e estão explicando diferentes aspectos de suas respectivas práxis de viver. (MATURANA, 2002, p. 252-3).

O cerne do problema surgiu num contexto contraditório, quando um dos integrantes exigiu do grupo a divisão do pagamento de uma dívida, mas segundo o entendimento do grupo essa dívida era responsabilidade do

integrante que exigia a divisão. O argumento desse observador era que, enquanto grupo, tudo era responsabilidade de todos, e que por isso aquela dívida era coletiva. Por outro lado, o grupo reconhecia a responsabilidade coletiva de todos, mas acreditava que a responsabilidade coletiva é uma consequência da consciência e responsabilidade individual de cada integrante, e que portanto primeiramente, devemos assumir as responsabilidades sobre nossos atos e as consequências dos mesmos, para depois dialogar com o grupo para se estabelecer um consenso em relação às providências que serão tomadas.

Ressaltamos que a importância desse fato para nossa investigação não é revelar o certo ou errado, por isso vamos partir do princípio que houve um conflito que dividiu o grupo e que a tensão não foi resolvida, pois as partes envolvidas partiam de explicações diferentes sobre um mesmo fato, e escolhas definidas *a priori* para sustentar suas respectivas perspectivas. Infelizmente essa divisão culminou com a separação definitiva de um dos integrantes do grupo, que segundo seu relato em Domeyko, e em Copiapó não se sentia em harmonia com o grupo desde a ocorrência desse episódio.

Não sabemos até que ponto esse conflito contribuiu para o aparecimento de outras situações de tensão envolvendo o mesmo integrante e o resto do grupo, mas elas existiram e também fizeram parte de nosso cotidiano. Desde o início da elaboração do projeto CicloPoiesis, refletimos sobre o significado de nossas ações e concordamos que enquanto Grupo, iríamos agir conforme os objetivos²⁷ do projeto. Mas percebemos que documentar a viagem foi um processo bastante delicado, e que incomodou muito o grupo como um todo, especialmente o integrante envolvido no conflito anterior, que em várias oportunidades relatou sua insatisfação em relação às inúmeras paradas que fazíamos para registrar a viagem. Nesse contexto, ainda existia uma diferença

²⁷ Objetivos: 1) Problematizar a forma como o ser humano se relaciona com ele mesmo enquanto indivíduo membro de uma determinada cultura, para potencializar a compreensão da nossa Natureza biológico-cultural; 2) Utilizar e promover a bicicleta como meio de transporte; 3) Interagir diariamente com a sociedade através de encontros formais e informais criando espaços abertos de reflexões e ações em relação aos itens (1) e (2); 4) Realizar ciclovagens; 5) Promover intercâmbios culturais e de conhecimentos; 6) Produzir fotos, vídeos e textos relacionados aos itens (1), (2), (3), (4) e (5).

de ritmo de pedalar e de hábitos alimentares muito grandes, que geravam vários conflitos e dificuldades, contribuindo significativamente com os momentos de insatisfação e divisão do grupo.

Também observamos que todos os integrantes do grupo nasceram e pertencem à cultura ocidental moderna, e que, portanto, aprendemos e ainda vivemos imersos nesse contexto essencialmente patriarcal de negação, inclusive quando realizamos nossa viagem de bicicleta. Nesse sentido, nunca fomos ingênuos, e sempre fomos responsáveis por nossas ações e pelas conseqüências das mesmas, e admitimos que viver no domínio da objetividade entre parênteses só pode ocorrer através da reflexão e compreensão, de que na cultura ocidental moderna, geralmente vivemos no domínio da objetividade sem parênteses desde o momento de nossa inserção geracional. Concluimos que em parte esse conflito foi uma interação entre o domínio da objetividade entre parênteses e sem parênteses, que acabou se transformando numa negação em parte responsável, e em outra irresponsável.

Segundo Maturana & Verden-Zöllner (2004), toda cultura é um sistema conservador, isso significa que todas as redes de conversações diferentes da que caracterizam determinada cultura são consideradas como uma ameaça à ordem estabelecida.

Desse modo, uma cultura é, constitutivamente, um sistema conservador fechado, que gera seus membros à medida que eles a realizam por meio de sua participação nas conversações que a constituem e definem. Daí se segue, também, que nenhuma ação e emoção particulares definem uma cultura, porque esta, como rede fechada de conversações, é uma configuração de ações e emoções. (MATUARANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 33).

Após a efetivação do desligamento de um dos integrantes, nos reorganizamos e estabelecemos uma nova unidade, que afirmou mais uma vez o desejo individual e coletivo de continuar vivendo da forma que nos propomos antes de iniciar a viagem, e, sobretudo aceitar os objetivos do projeto que havíamos concordado em realizar. Durante o restante da viagem ainda surgiram outros conflitos de menor escala, mas em nenhum momento houve mais algum conflito que alcançasse as proporções daqueles que estávamos

vivendo até então. Portanto, vamos focalizar nossa atenção nas interações entre nossas experiências e a cultura ocidental moderna.

4.2.2 Contrastes entre o grupo e a cultura ocidental moderna

No segundo dia de viagem pedimos abrigo num Quartel do Exército Chileno, próximo à cidade de Los Andes. Perguntamos para um jovem soldado sobre a possibilidade de passarmos a noite naquela instituição, e imediatamente o mesmo afirmou que deveríamos pedir permissão para o sargento. Depois de alguns minutos de espera, o sargento nos mandou um recado afirmando que o tenente iria nos receber para nos orientar, na conversa o mesmo negou nosso pedido, dizendo que por motivos de Segurança Nacional não poderiam fornecer abrigo para nós, e nos aconselhou a pedir uma carta da Embaixada Brasileira, que servisse de documento oficial para requisição de abrigo em instituições nacionais chilenas. Ou seja, estávamos imersos num contexto relacional centrado na hierarquia.

Nesse momento da viagem acampar ainda estava apenas associado a uma possibilidade de economia, e o Exército, a Polícia e os Bombeiros eram locais onde poderíamos descansar e ainda usufruir de uma infra-estrutura básica, como banheiros e cozinha. Nesse dia acabamos passando a noite nos Bombeiros, e descobrimos que os Bombeiros no Chile são voluntários e que cada companhia é dirigida com certo grau de autonomia, com relações de hierarquia mais amenas, mas ainda presentes de forma clara nessas instituições.

No dia seguinte chegamos a Santiago do Chile, onde ficamos 3 dias conhecendo a capital chilena, uma das cidades mais interessantes de toda América do Sul. No dia 9 de janeiro de 2007, logo após o encontro no **Instituto Matriztico** nos dirigimos à Embaixada Brasileira no Chile para tentar conseguir um documento oficial, que pudesse nos ajudar em nossos relacionamentos com essas instituições, que se constituiu como o reconhecimento político que legitimava nossas ações no contexto da cultura ocidental moderna.

Esse documento passou a significar a criação de uma estratégia para ser utilizada, em situações que envolviam nosso relacionamento com o modo de viver hegemônico, caracterizado pelas relações de hierarquia e poder, quando manifestávamos um pedido de apoio oficial a uma instituição reconhecida naquele país, que nos concedeu certo grau de *status* social e político. Observamos que essa forma artificial de estabelecer nossa legitimidade era centrada em relações de autoridade e submissão. Portanto, além da consciência de que o processo de configuração de nossas experiências estava permanentemente interagindo com a cultura ocidental moderna, observamos que para viver nesse contexto é preciso adotar algumas estratégias de forma responsável, enquanto desejarmos interagir com esse contexto.

Mas esse documento não era uma garantia de entrada nessas instituições, e algumas vezes nossos pedidos por abrigo foram negados. O dia mais marcante dessa situação ocorreu no dia primeiro de fevereiro em Calama, uma cidade considerada pelos próprios habitantes como perigosa e não muito hospitaleira. Dirigimos-nos até a central dos bombeiros dessa cidade, e fomos surpreendidos pela negação categórica de nosso pedido por abrigo, sob a argumentação de que não era permitido esse tipo de prática pelas autoridades da Companhia, e que nosso documento não poderia modificar essa ordem.

Mas felizmente uma voluntária da Companhia nos convidou espontaneamente para passar aquela noite na pousada de sua mãe, e dessa forma acabamos vivendo mais uma experiência de convivência centrada na aceitação do outro como legítimo, sem a presença de hierarquias e relações de poder.

O que ocorreu aqui foi o seguinte. Quando decidimos constituir uma rede de conversações que fosse construída através do questionamento das relações hierárquicas, realizamos essa tarefa, compreendendo a lógica de funcionamento de uma cultura que opera em relações de hierarquia, autoridade e submissão. Nesse caso, éramos um grupo pequeno que estava sendo

construído intencionalmente numa tentativa de viver na ausência de relações hierárquicas, inserido no contexto cultural ocidental moderno, construído num modo de viver hierárquico.

Assim para entender a mudança cultural devemos ser capazes de caracterizar a rede fechada de conversações – que como prática cotidiana de coordenações de ações e emoções entre os membros de uma comunidade específica – constituem a cultura que vive tal comunidade. Devemos também reconhecer as condições de mudança emocional sob as quais as coordenações de ações de uma comunidade podem se modificar, de modo que surja nela uma nova cultura. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 35).

Por esse motivo, avaliamos que as relações de hierarquia que vivemos durante nossas interações com a cultura ocidental moderna, foram estratégias para continuar realizando nossa viagem, e quando interagíamos com essa dinâmica, procurávamos mudar a mesma através de nossas ações e emoções que poderiam desencadear transformações na dinâmica em que estávamos inseridos.

Também vivemos alguns conflitos mais sérios, onde fomos impelidos a agir num contexto de luta e competição dentro da dinâmica da cultura ocidental moderna. As principais situações foram essas: a) No dia 15 de fevereiro de 2007 participamos de uma luta para conseguir passagens de trem, de Calama (Chile) para Oruro (Bolívia), e participamos de uma negociação competitiva sobre uma taxa que um motorista de ônibus havia nos cobrado, referente ao transporte da bicicleta, que consideramos abusiva e arbitrária; b) No dia 16 de fevereiro de 2007 subornamos um guarda da fronteira Boliviana; c) No dia 20 de fevereiro de 2007 fomos roubados na Bolívia, na Ilha do Sol; e d) No dia 24 de fevereiro de 2007, pegamos uma carona e o motorista nos cobrou, mas nos negamos a pagar.

Em função dessas experiências que vivemos, observamos que apesar da concretização da criação de relações democráticas, o modo de viver hegemônico é um sistema, onde qualquer modo de viver que potencialmente possa modificar essa dinâmica é considerado uma ameaça, utopia, absurdo, irracionalidade, delírio, imaturidade, e outros milhares de adjetivos pejorativos

que servem como fundamento da marginalização e negação dos organismos Autopoiéticos envolvidos com esses projetos. Portanto, antes de tentar mudar as relações de hierarquia de um “exército de militares”, optamos pela interação com essas pessoas para melhor compreendê-las e para que elas pudessem compreender nossa proposta.

Muitas vezes nos envolvemos numa dinâmica competitiva e de luta, a partir da recusa em aceitar qualquer imposição como algo natural, onde alguém se sente no direito de explorar e negar o outro, sem assumir a responsabilidade sobre seus atos. Envolvemo-nos num caso de corrupção, porque nossas vidas e liberdade estavam nas mãos de um Oficial de Polícia, portanto, assumimos que cometemos um erro, mas reconhecemos que enfrentar aquele policial poderia ser uma ação auto-destrutiva.

Enfim, observamos que viver na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência, num contexto mais amplo de negação é algo que deve ser construído, sobretudo com flexibilidade e muita reflexão sobre a contradição entre esses dois modos de viver.

5. CONSIDERAÇÕES

Maturana & Varela (1995) encerram seu livro com o seguinte trecho da Fábula **O Ilhéus**:

“Era uma vez uma ilha que ficava em algum lugar, cujos habitantes desejavam intensamente ir para outra região e fundar um mundo mais saudável e digno. O problema, todavia, era que a arte e a ciência da natação e da navegação nunca haviam sido desenvolvidas, ou talvez tivessem sido esquecidas. Por isso, havia habitantes que nem sequer pensavam em alternativas à vida na ilha, enquanto outros procuravam encontrar soluções para seus problemas, sem tudo pensar em cruzar as águas. De vez em quando, alguns nativos reinventavam a arte de nadar e navegar. Também de vez em quando, um estudante ia até eles e entabulavam um diálogo mais ou menos assim:

- O que está disposto para consegui-lo?
- Nada. Só desejo levar comigo minha tonelada de repolho.
- Que repolho?
- A comida que precisarei do outro lado, ou seja, lá onde for.
- Mas há outros alimentos do outro lado.
- Não sei o que está dizendo, Não estou seguro. Tenho de levar meu repolho.
- Mas não pode nadar com uma tonelada de repolho. É muito peso.
- Então não posso aprender. Chama meu repolho de carga, mas eu o chamo de meu alimento essencial.
- Suponhamos que, em vez de repolhos, digamos idéias adquiridas, ou pressuposições, ou certezas?
- Hummm... vou levar meus repolhos para alguém que entenda minhas necessidades.” (Shah apud Maturana & Varela, 1995, p.265).

Escolhemos finalizar essa reflexão interpretando essa história com mais profundidade, porque observamos uma relação muito estreita entre essa

narrativa e a biologia do Conhecer e do Amar, e nossas experiências vividas através da realização do projeto CicloPoiesis de “se transportar” de bicicleta numa viagem. Consideramos que essas três formas distintas de desencadear reflexões e transformações na biologia e nas relações dos seres humanos, se entrelaçam na história da conseqüente construção da problemática dessa pesquisa, antes mesmo da decisão de realizar esse trabalho.

Uma fábula é aberta à interpretação da mesma forma que os comportamentos dos seres humanos, e a riqueza dessa forma de se expressar reside nas infinitas possibilidades de sentidos e significados que podemos atribuir a um mesmo texto, gesto ou fenômeno de acordo com a perspectiva em que um observador escolhe ou se encontra no instante em que ele observa.

Nessa Fábula, Shah (1997) conta uma história sobre uma civilização que morava num país que seria destruído, se tornando inabitável por 20 mil anos. Segundo a descrição do narrador, os habitantes desse lugar viviam num estado permanente de harmonia. Mas devido a essa destruição eminente, os habitantes daquele lugar viajaram para outro, em busca da conservação de suas vidas e de seus descendentes. Nesse novo lugar desenvolveram uma nova forma de viver, e com o passar do tempo, o passado e os modos de viver antigo foram esquecidos e substituídos, surgindo uma nova forma de coexistir.

Quando eles fugiram para essa ilha tinham a intenção de um dia retornar para sua terra natal, por isso a arte da natação e da navegação, que podiam levar os habitantes daquele lugar de volta para casa, não se extinguiram totalmente e ainda conviviam, mesmo que na “clandestinidade” com essa nova forma de viver. Após uma revolta, e o questionamento sobre a veracidade desse local distante - a terra natal daquela civilização -, o ofício da natação e a construção de barcos se tornou uma atividade muito rara em meio uma nova ordem estabelecida, fundada na razão e em relações de poder, autoridade e submissão.

Ser racional era simplesmente obedecer às normas estipuladas naquela nova sociedade construída em cima de “pseudocertezas”, como aquelas que

nos fazem acreditar que estaremos vivos no próximo instante. Enfim, Shah (1997) termina a narrativa dizendo que os habitantes dessa ilha somos todos nós, e que esquecemos o modo de viver existente naquela ilha distante que nos originou, para viver um modo de vida centrado num sistema racional, com características diferentes da harmonia descrita pelo autor, em relação a nossa terra natal.

De acordo com a nossa interpretação, Shah (1997) faz referência ao processo histórico de constituição do humano até a modernidade de forma alegórica, distinguindo dois modos de existência que se configuraram durante o fluxo de nossa deriva evolutiva. Durante toda narrativa, o autor evoca uma possibilidade de retorno às nossas origens, em contraste com a manutenção da ordem estabelecida artificialmente naquela civilização, simbolizada pelas figuras dos construtores de barcos e nadadores que poderiam guiar as pessoas interessadas, de volta para sua “terra natal”. “Não era muito difícil ser racional. Bastava à pessoa aderir aos valores da sociedade. Além disso, abundavam as provas das verdades da racionalidade – contanto que as pessoas não se pusessem a pensar além da ilha” (SHAH, 1997, p. 30).

Nessa reflexão, “pensar além da ilha” significa pensar além da cultura ocidental moderna e de um modo de viver centrado na racionalidade, no sentido de questionar nossas certezas e o conhecimento racional historicamente construído, buscando o retorno à nossa “terra natal”, no sentido de compreender os fundamentos constituintes da humanidade. Nesse contexto não estamos nos referindo à razão, ou à cultura ocidental moderna como algo negativo em sua totalidade, e que, portanto, deve ser negado e substituído de forma integral.

Para Habermas (1981), não é a razão que está em crise, mas uma forma atrofiada e reducionista de razão, que se fez dominante nos últimos anos. Uma razão, portanto, como se refere Fensterseifer (1999, p. 165), “...monológica, objetivante, especializada em apenas uma *Gestungsanspruch* (pretensão de validade) – a da verdade científica – e não uma razão no sentido abrangente, a qual, além da razão científica, abarca a prática moral e a estético-expressiva (KUNZ, 2001).

Segundo Maturana & Verden-Zöllner (2004), algo semelhante à narrativa **Os Ilhéus** ocorreu em nossa história evolutiva como seres humanos. Pesquisas arqueológicas como de Gimbutas (1982), apontam que somos descendentes de uma linhagem de primatas bípedes que surgiu a aproximadamente 3,5 milhões de anos atrás. Foram encontrados em sítios arqueológicos cerca de oito indivíduos sepultados num mesmo local, o que permitiu a conclusão de que esses indivíduos viviam em grupos mais ou menos desse tamanho. Esses seres mediam cerca de um metro e meio de estatura, possuíam um cérebro com volume três vezes menor que os nossos, e arcadas dentárias de organismos que se alimentavam principalmente de sementes, grãos e ocasionalmente de carne.

Conforme refletimos anteriormente, Maturana & Verden Zöllner (2004) explicam fundamentados pelas pesquisas antropológicas de Gimbutas (1982 e 1991), que podemos definir as condutas dos integrantes da cultura Matrística da seguinte forma: a) cooperação coletiva na convivência entre os indivíduos de ambos os sexos e diferentes idades como iguais; b) ausência de diferenças hierárquicas entre os integrantes do grupo; c) encontro sexual frontal; e d) convivência em harmonia entre os seres e o ambiente através da ausência de desejo de se apropriar do meio.

Com base nessas condutas, os autores concluem que, o elemento central que nos deu origem como humanos nos domínios biológicos e culturais, é a convivência harmônica na aceitação de si e do outro como legítimo, que os autores reconhecem como "*amor*". Segundo Maturana (1988) essas características morfológicas e comportamentais possibilitaram o surgimento e a conservação de um domínio específico de coordenação de coordenações de condutas consensuais (linguajar) entrelaçados com o emocional dos indivíduos, que o autor reconhece como uma rede fechada de conversações.

Segundo Maturana & Verden-Zöllner (2004) essas redes fechadas de conversações são o que distinguimos como cultura, por isso os autores denominam o modo de viver desses grupos, de cultura Matrística. Através dessa reconstrução histórica compreendemos que essas culturas precederam

o modo de viver das redes de conversações que constituem a origem da cultura ocidental moderna, que os autores explicam como uma expressão da cultura Patriarcal.

É nesse sentido que estabelecemos uma relação entre a nossa história evolutiva e a narrativa de Shah (1997). Para nós, a terra natal daquela civilização representa o modo de viver matrístico que nos deu origem enquanto seres humanos, da mesma forma que a nova civilização que se constituiu após a fuga para a outra ilha, representa a formação da cultura patriarcal, da qual a cultura ocidental moderna é uma manifestação.

Esta se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade. (MATURANA & VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 37).

Portanto, regressar para nossa “terra natal” é o mesmo que criar novas redes de conversações “neomatrísticas”, centradas na aceitação de si e do outro como legítimo na convivência, no contexto mais amplo da cultura ocidental moderna em que estamos inseridos. A criação dessas redes “neomatrísticas” só pode ocorrer quando questionamos o modo de viver patriarcal, e através da reflexão passamos a compreender os fundamentos constituintes do humano, numa viagem de retorno ao modo de viver matrístico, centrado no ‘amor’.

Quando o autor se refere ao modo de viver da cultura matrística, está fazendo menção ao espaço relacional mais amplo das condutas dos membros dessa cultura, portanto, de acordo com nossa perspectiva, também está fazendo uma referência ao “se movimentar”. Se o modo de viver da cultura matrística se constituiu na aceitação de si e do outro como legítimo na convivência, conseqüentemente o “se movimentar” de nossos ancestrais não foram construídos através de relações de competição, hierarquia, autoridade e poder, apropriação e racionalização do movimento, como comumente observamos nas práticas esportivas modernas ensinadas no interior dos cursos de Educação Física.

Contudo, segundo Bracht (2003) o “se movimentar” na cultura ocidental moderna passou por um processo histórico de transformações, em que o modo de viver dessa cultura foi se incorporando naturalmente nesse domínio, através da “orientação para o rendimento e a competição, a cientifização do treinamento, a organização do treinamento, a organização burocrática, a especialização de papéis, a pedagogização e o nacionalismo.” (BRACHT, 2003, p. 100).

Essa forma de prática corporal, com essas características, ou seja, orientada para o rendimento e à competição, expandiu-se a partir de meados do século XIX para o continente europeu e vai transformar-se ao longo do século XX no conteúdo hegemônico da cultura corporal de movimento em todo o mundo (BRACHT, 2003, p. 100-1).

Portanto, compreendemos que no domínio do “se movimentar”, é possível observarmos o mesmo processo de transição e contraste entre o que Maturana & Verden-Zöller (2004) denominam de cultura matrística e cultura patriarcal, e foi exatamente isso que ocorreu durante todo processo de construção de nossa pesquisa. Dessa forma, todas as nossas referências sobre a constituição de uma cultura matrística e patriarcal, estão relacionadas à forma com que os membros dessas culturas “se movimentam”.

Sendo assim, vamos evitar qualquer forma de classificação ou definição das experiências que vivemos, conscientes de que essa pesquisa constitui apenas o início de uma longa “pedalada”, em busca da compreensão do Movimento Humano a partir da Biologia do Conhecer e da Biologia do Amar no campo da Educação Física, buscando contribuir com o processo de formação de professores e dos profissionais de nossa área, principalmente aqueles comprometidos com a consolidação de uma cultura de movimento, que valoriza a cooperação e a experiência espontânea de descobrir a si mesmo e o mundo.

Para finalizar, gostaríamos de apontar outros aspectos que consideramos relevantes, no sentido de continuar percorrendo esse caminho teórico/prático. Compreendemos, que depois dessa aproximação inicial entre a Biologia do Conhecer e a Biologia do Amar com o Movimento Humano, observamos a necessidade de um aprofundamento reflexivo mais sutil entre

esses domínios, assim como a realização de outras experiências como a que vivemos durante nosso “se transportar” de bicicleta.

Os avanços dessa investigação dependem principalmente de outras situações e novas problemáticas que possam surgir, contribuindo com a construção de elementos teóricos e práticos que possam auxiliar outras pessoas a ensinar e aprender, não uma nova forma de “se movimentar”, e sim, os elementos constitutivos do movimento humano, a partir de interações e relações centradas na aceitação de si mesmo e do outro como legítimo na convivência. Um caminho de retorno às nossas origens. Mas somos cientes das dificuldades inerentes a esse processo, e estamos dispostos a abandonar nossas certezas e “pedalar” nessa direção.

6. REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- BARBER, Paul J; LEGGE, David. **Percepção e informação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. 161p.
- CAPARROZ, F. **Educação física escolar: política, investigação e intervenção** 1. ed. Vitória: Proteoria, 2001.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 18. ed. Sao Paulo: Cultrix, 1997
- CARDOSO, Carlos Luiz. **Emergência humana, dimensões da natureza e corporeidade: sobre as atuais condições espaço-temporais do “se-movimentar”**. Rev. Motrivivência, ano XVI, nº 22, p. 93-114, jun/2004.
- COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Petropolis: Vozes, 1995.
- DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**. 3. ed São Paulo: Makron Books, c2001.798p. ISBN 8534611254.
- EHRlich, Stephane. **Aprendizagem e memória humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ELIAS, N. & DUNNING, E. **Em busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. (Coleção Memória/Sociedade).
- HEIDEGGER, Martin. **Conferências e escritos filosóficos**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- FOESTER, Heinz. **On Constructing Reality**. in: Preiser, Wolfgang F. E. (Hrsg.), ENVIRONMENTAL DESIGN RESEARCH, VOL. II: Symposia and Workshops, Fourth International EDRA. Conference, Dowden, Hutchinson & Ross, Inc., Stroudsburg, Pennsylvania, 1973.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. 18. ed. São Paulo: Globo, 1992.
- KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudanças**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 1991.

KUNZ, Elenor; TREBELS, Andréas H. **Educação Física Crítico-Emancipatória – Com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, vol. I e III.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. São Paulo: Edgard Blücher, 1984.

MATURANA R., Humberto; MAGRO, Cristina; GRACIANO, Miriam; VAZ, Nelson. **Ontologia da realidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MATURANA R., Humberto. **Biology of cognition**. Biological Computer Laboratory Research Report BCL 9.0., Urbana IL: University of Illinois, 1970. Disponível em < <http://www.enolagaia.com/ReadingRoom.html#Primary>>. Acesso em 2007.

MATURANA R., Humberto. **Biology of language: The epistemology of reality**. New York: Academic Press, 1978. Disponível em < <http://www.enolagaia.com/ReadingRoom.html#Primary>>. Acesso em 2007.

MATURANA R., Humberto. **Reality: The search for objectivity or the quest for a compelling argument**. The Irish Journal of Psychology, Vol. 9, 1988. Disponível em < <http://www.enolagaia.com/ReadingRoom.html#Primary>>. Acesso em 2007.

MATURANA R., Humberto; MPODOZIS, Jorge; LETELIER, Juan Carlos. **Brain, language and the origin of human mental functions**. *Biological Research*, Vol. 28 (1995), pp.15-26. Disponível em < <http://www.enolagaia.com/ReadingRoom.html#Primary>>. Acesso em 2007.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **A árvore do conhecimento**. Campinas: Worshopsy, 1995.

MATURANA R., Humberto; VARELA G., Francisco. **De máquinas e seres vivos: autopoiese - a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1997

MATURANA R., Humberto. **Da biologia à psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Medicas, 1998

MATURANA R., Humberto; PÖRKSEN, Bernhard. **Del ser al hacer – Los origenes de la biologia del conocer**. 1. ed. Santiago: Comunicaciones Noreste Ltda. 2004.

MATURANA R., Humberto; ZÖLLER, Verden. **Amar e brincar – Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 4. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

MATURANA, Humberto R.; MAGRO, Cristina; PAREDES, Víctor. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

MOLINA NETO, Vicente. Artigo. In: Molina Neto, V. & Triviños, A. N. S. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1999. p.45-78.

Quarto Relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas. 2007. Disponível em <http://www.ipcc.ch/activity/ar.htm#ar4>, acesso em 2007.

RUIZ, Alfredo B. **Las Contribuciones de Numberto Maturana a las ciencias de la complejidad a la psicologia**. 1997. Disponível em http://www.inteco.cl/articulos/005/texto_esp.htm, acesso em 2007

TAMBOER, Jan. **Movimentar-se um diálogo com o mundo**. Tradução Elenor Kunz, sem publicação, 1979.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas corporais**. Florianópolis: Nauembla Ciencia & Arte, 2005.

SHAH, Idries. **Os Sufis**. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1997.

XAVIER, Giselle Noceti Ammon. **O cicloativismo no Brasil e a produção da lei de política nacional de mobilidade urbana**. Vol. 3 n. 2 (2), janeiro-julho/2007. Disponível em < <http://www.udesc.br/ciclo/?modo=public>>. Acesso em 2007.

ANEXOS

1. Diário de campo sistematizado

Dia de viagem	Data	Cidade de Destino	Km dia	Km total
1	05/01/2007	Chile/Argentina	0 km	0 km
<p>Início da viagem de bicicleta / Ida de ônibus de Floripa até a fronteira o Chile com a Argentina / Encontro de todos do grupo pela primeira vez / Acerto de contas no ônibus (conflito) / Mudança de planos no caminho. / Experiência de viver na honestidade e na aceitação de perspectivas diferentes sobre uma mesmo fenômeno em contraste com uma perspectiva defensiva que se ausentou de sua parcela de responsabilidade sobre a criação do conflito. Luta pela afirmação de um ponto de vista, negação da visão do outro em um aspecto específico, acesso privilegiado a verdade, relação de autoridade e submissão, conflito suspenso e geração de desconfiança entre o comportamento de um dos integrantes, que na perspectiva dos outros, insistiu em não assumir a responsabilidade sobre seus atos passados.</p>				
2	06/01/2007	Los Andes	73,69 km	73,69 km
<p>Cooperação para encontrar um local para dormir e preocupação com o bem estar de todos / Contemplação coletiva da beleza do local pela manhã / Prazer e alegria na descida dos caracoles / Bifurcação na estrada, divergência e escolha de caminho / Apoio dos bombeiros, compartilhar de alimentos e histórias da viagem e dos bombeiros / Interação com nativos numa praça, conversas sobre a bicicleta. / A cooperação e o prazer da convivência se concretizaram logo após a suspensão do conflito, sentimento coletivo de integração e harmonia com a Natureza.</p> <p>Num grupo de pessoas que deseja viver sem a presença de hierarquias e relações de autoridade e submissão, o que fazer para decidir quando metade do grupo deseja seguir um caminho, enquanto a outra metade deseja seguir outro? Paramos em frente a bifurcação e dialogamos durante alguns minutos para ouvir os motivos de cada parte sem conseguir chegar num acordo, ouvimos também diferentes informações a respeito das características dos caminhos e no final concordamos em perguntar para uma pessoa externa que decidiria que caminho iríamos seguir, e assim foi. Nos demos conta de que apesar de vivermos sempre acreditando que somos obrigados a fazer alguma coisa ou outra, esquecemos que a todo instante estamos fazendo escolhas, qualquer gesto é uma escolha no fluir das interações entre o organismo e o meio, por esse motivo que devemos ser responsáveis por eles e pelas consequências dos mesmos em nossas derivas.</p>				
3	07/01/2007	Santiago	80 km	153,69 km
<p>Um dos integrantes se separa do grupo e acompanha um grupo de ciclistas de competição / Muito calor e parada numa vila para descansar, comer alguma coisa e esperar o sol baixar / Pedido de ajuda em alimentação em lanchonete / Encontro com o integrante que se seprau por sorte na estrada / Volta por Santiago e parada numa praça que estava acontecendo varias manifestações culturais / Encontro com amiga de um dos integrantes que nos recebeu em</p>				

Santiago / Jantar coletivo / Quando um dos integrantes se separou de nosso grupo para acompanhar os ciclistas de competição surgiram alguns questionamento. O que ficou evidente foi a diferença de ritmo entre o grupo, e a afirmação do excelente condicionamento Físico de um dos integrantes, que foi capaz de acompanhar uma grupo de ciclistas com uma *mountain bike* com aproximadamente 20 kg de bagagem. Qual o significado desse comportamento diante do grupo, da Educação Física e das Ciências dos Esportes? Podemos considerar esse comportamento como competitivo? Será que ele percebeu o ambiente que estava pedalando e teve tempo para contemplar aquele novo lugar, ou será que ele estava vencendo um desafio contra a Natureza? Ele pensou no grupo quando saiu pedalando na frente? / Identificamos que um dos integrantes estabeleceu uma relação competitiva com ele mesmo, com o grupo e com meio, não se preocupou com o grupo e com possíveis situações imprevistas como acidentes, problemas nos equipamentos, algum problema de saúde, poderíamos ter nos perdido, causando várias dificuldades de se reencontrar, por causa de que?? Para que?? Pelo simples gosto de pedalar rápido? Vontade de se auto-afirmar diante do grupo? / Dificuldade de saber o que realmente significa esse comportamento./ Todas as pessoas que nos ajudaram de alguma forma, seja ela nos dando abrigo ou comida, identificamos algo em comum caracterizado pela ampliação das relações temporárias que estávamos vivendo, interações que se caracterizam pela cooperação e ausência de relações comerciais, isso é o que chamamos de criação de espaços relacionais Matrizticos, que foram muito recorrentes durante toda viagem apesar do contexto mais amplo Patriarcal/Matriacal que estávamos inseridos.

4	08/01/2007	Santiago	35 km	188,69 km
Encontro com Patrício Garcia no Instituto Matriztico. / Patrício Garcia apresentou um pouco do trabalho que eles realizavam atualmente no IM.				
5	09/01/2007	Santiago	40 km	228,69 km
Encontro com H. Maturana, Ximena Dávila, Patrício Garcia e Inácio no IM, reflexões sobre o projeto CicloPoiesis e um convite a reflexão. / Transcrever alguns trechos da entrevista e refletir sobre o surgimento da problemática dessa pesquisa. (Documento em vídeo)				
6	10/01/2007	Estrada	77,54 km	375 km
- Primeira pedalada noturna / Primeiro pneu furado.				
7	11/01/2007	Reñaca	89,17 km	465 km
Visita a Viña Mar / Encontro com Joana e sua família que nos hospedou e jantar coletivo regado a vinho e trocas de histórias.				
8	12/01/2007	Papudo	88,4 km	553 km
Passamos a noite no quartel dos Carabineiros, ambiente hostil e quadrado / poucas relações estabelecidas e dificuldade para conseguir abrigo / Contraste entre a cultura Patriarcal e a Matriztica, descrever os comportamentos dos policiais e o nosso para conseguir estabelecer aquelas relações, autoridade e submissão, representação da negação do outro como legítimo da convivência, fazer paralelo com Vigiar e Punir e as relações de poder nessa cultura hegemônica.				
9	13/01/2007	Los Vilos	97,87 km	651 km
Fomos recebidos pelos bombeiros / jantar coletivo / Um dos integrantes compra um queijo e não dividi com o grupo. Encontro com andarilho na estrada – Conversas sobre DEUS, não se culpe... Distanciamento de um dos integrantes e acentuação das diferentes formas de se relacionar, sua comida era diferente e ele comia em diferentes momentos enquanto o resto do grupo parava para comer e compartilhar o momento. Um episódio marcante foi a compra do queijo. Contraste entre a cultura Patriarcal e Matriztica em relação a DEUS, Autoridade e submissão...				

10	14/01/2007	Huentalauquem	48 km	694 km
<p>Os conflitos em relação as diferenças de ritmo se intensificaram / Um dos integrantes estava cansado de parar para documentar a viagem, fotos e vídeo / Um dos integrantes tentava mediar o conflito que se polarizou entre a posição de um dos integrantes contra a de outros / Experiência de perigo em Huentalauquen norte e hospitalidade em Huentalauquen sul. / Mostramos as fotos para toda comunidade local. / Contradição, contraste entre nossos desejos e comportamentos. Qual poderia ser o cerne da questão? Coletivo (projeto) X Individuo / relação com o espaço-tempo / Pressa e pressão para pedalar</p>				
11	15/01/2007	Termas de Socos	103 km	803 km
<p>- Descrição Dificuldade em conseguir alimentação / Ajuda de um jovem em relação a indiferença de sua família com a nossa condição / Passamos a noite ao lado de um galinheiro, porcos e outros animais / Ambiente meio pesado entre o grupo devido ao cansaço da longa jornada desse dia e dos conflitos. / Ações concretas vividas de negação do outro no contexto da cultura Patriarcal/Matriarcal</p>				
12	16/01/2007	Totalalio	99 km	902 km
<p>Depois de passar alguns momentos de dificuldade, cansaço físico, mental e emocional, lugares um pouco hostis e diferenças de ritmo de pedalar chegamos numa praia paradisíaca e relaxamos um pouco / Proibido acampar na praia / conversa com o vigia da praia para conseguir um local para acampar, reflexão sobre propriedade privada (praias) leis e autoridade. / camping meio clandestino. / História da propriedade privada e proibição, qual o fundamento de nossa pretensão de se apropriar do meio.</p>				
13	17/01/2007	La Serena	41 km	943 km
<p>Dificuldade de encontrar abrigo / cidade turística grande / Revisão das bikes na praça / Divisão do grupo para passar a noite / Pessoas menos hospitaleiras e aviso de que quanto mais para o norte mais dificuldades de encontrar pessoas hospitaleiras / Início queixas em relação aos Bolivianos. / Ações concretas vividas de negação do outro no contexto da cultura Patriarcal/Matriarcal</p>				
14	18/01/2007	Los Hornos	44 km	987 km
<p>- Passamos a noite numa Vila de pescadores / encontro com um grupo de pescadores / Hospitalidade de um pescador que nos convidou para passar a noite na casa dele, acampar no quintal / Interações com a cultura dos pescadores chilenos / Muitas histórias e risadas.</p>				
15	19/01/2007	Cachiyuyo	102 km	1089 km
<p>- Jogo de futebol e interação com as crianças do pequeno povoado na estrada / Despedida emocionante. / Entrada no deserto do Atacama, ambiente singular / Muito calor / Aumento da dificuldade física e psicológica / racionamento de água / Participação num evento no pequeno povoado / Convite para passar a noite na casa de um habitante local / Hospitalidade muito calorosa / Bebidas alcoólicas e muitas histórias / Emoção na hora da despedida / Mais histórias sobre a guerra entre Chile e Bolívia por causa da saída para o mar / Magoas dos Bolivianos e declaração de afeto pelos Brasileiros</p>				
16	20/01/2007	Vallenar	65 km	1156 km
<p>- Primeira conversa para lavar a roupa suja e tentar harmonizar as relações entre o grupo / Dinâmica do bastão / Estabelecimento claro de um conflito em relação a um problema antigo referente as aquisições das passagens / Vallenar, um oásis no deserto / Estadia nos bombeiros / dia de reflexão e muito silêncio entre o grupo. / Como aceitar o outro como legítimo na convivência numa situação de conflito?? O que ocorreu na ausência de consenso?</p>				

17	21/01/2007	Deserto	78 km	1235 km
<p>- Pedal noturno para não pedalar debaixo do sol / Sensação de perigo na estrada / Conflito de interesses e respeito / Acampamento no deserto, muito frio e vento / Encontro com Vita / Clima pesado entre as relações dos integrantes. / Respeito pela sensação de perigo e conversa com Vita, destaque para humildade. / Como aceitar o outro como legítimo na convivência numa situação de conflito?? O que ocorreu na ausência de consenso?</p>				
18	22/01/2007	Copiapó	76,88 km	1312 km
<p>Um dos integrantes tentando mediar o conflito / Desarmonia total entre o grupo / Conflito intenso, mas tudo foi resolvida na mesma hora sem deixar ressentimentos / Declaração de um dos integrantes de não desejar aceitar a postura em relação ao posicionamento de outro, mas que os mesmos poderiam continuar viajando junto se respeitando, mas sem reconhecer uma relação de amizade / Decisão de um dos integrantes de se desligar do grupo e continuar a viagem em solitário. / Como aceitar o outro como legítimo na convivência numa situação de conflito?? O que ocorreu na ausência de consenso? / Exemplo de resolução de conflito numa cultura Matriztica – respeito e honestidade, desejo de continuar convivendo “em harmonia X saber que tem razão” (disputa de poder???) / Falta de responsabilidade sobre seus atos, ausência de envolvimento com o grupo, presença de comportamentos egoístas (alimentação, manutenção da “bike”, ausência de função coletiva)</p>				
19	23/01/2007	Estrada	35 km	1347 km
<p>Primeiro acampamento sem um dos integrantes / Conversas sobre o conflito / Consenso em admitir que a decisão do desligamento, foi melhor para ele e para o grupo / Menos tensão em relação ao ritmo de pedalar / Mais tempo para desfrutar das paisagens sem cobranças em relação a vontade de ter que chegar em algum lugar / Muita reflexão em relação duas visões de mundo diferentes em relação ao ato de viajar de bicicleta. / Ápice da experiência de harmonia entre o grupo como um todo coeso</p>				
20	24/01/2007	Ramada	70 km	1417 km
<p>Curtição numa praia Baia dos Ingleses, banho de mar / Encontro com um cicloviajante do oeste de SC, que havia encontrado com o desertor um dia antes, num local mais ao norte / Discurso do cicloviajante sobre a ansiedade dele chegar mais ao norte o mais rápido possível, ele ainda acrescentou que prefere viajar de bicicleta com mais calma conhecer os lugares e pessoas diferentes / Troca de histórias e informações sobre os caminhos, sendo que nós estávamos indo para o norte e ele para o sul. / Perspectiva externa sobre o comportamento do integrante que se desligou e confirmação das diferenças de ritmo associadas a duas visões de mundo diferentes em relação ao viajar de bicicleta.</p>				
21	25/01/2007	Chañaral	89 km	1506 km
<p>Encontro com San Pedro / Lembranças de Reñaca, pois estávamos perto de Pan de Azucar / Coleta de água das nuvens na montanha./ Relação com DEUS.</p>				
22	26/01/2007	Pan de Azucar	51 km	1558 km
<p>Lugar e estrada mais bonita de toda viagem, clima mágico, integração total homem e Mundo / Camping na praia, parque nacional. /O significado da uva e do vinho?</p>				
23	27/01/2007	Pande Azucar	0 km	1558 km
<p>Início do dia bebendo um bom Chá – Portas da Percepção / Separação do grupo e experiências individuais/ Reencontro e muitas histórias / Convite para churrasco, pessoas hospitaleiras / Surf com uma baleia (única espécie no mundo) e frescobol / Pedal para o Mirante / Convite para passar mais uma noite como hospedes. / O significado da uva e do vinho?</p>				

23	28/01/2007	Cifunchio	93 km	1651 km
- Muita emoção na despedida / Renovação das energias / Planejamento, execução e avaliação, mudança de planos no caminho / Início do trajeto mais difícil do pedal / Acampamento na praia / Muito cansaço depois de um dia de pedal intenso				
24	29/01/2007	Paposo	105 km	1756 km
- Um dos pedais mais intensos da viagem, 30 km de pura subida em pleno deserto do Atacama / Hospitalidade e convite para passar a noite na casa de um nativo numa vila de pescadores.				
25	30/01/2007	Paranal		
- Quebra do ciclocomputador / Saímos de 0 metros de altitude para 2 500 metros em um dia de pedal em pleno deserto do Atacama / falta de água / carona / sorte – acampamento para construção da estrada / Momento mais intenso e difícil da viagem / lição de humildade e união entre o grupo./ Dificuldades e perigo intenso				
26	31/01/2007	Antofagasta		
- Muita riqueza na cidade (cobre) / Restaurante e hospitalidade brasileira (Paulinho) / Infecção intestinal de m dos integrantes (médico e cuidado de Paulinho)				
27	01/02/2007	Calama		
- Indisposição de um dos integrantes para pedalar / Carona na metade do caminho / Calama, negação de ajuda dos bombeiros mas convite de uma voluntária que nos ofereceu abrigo por uma noite numa cidade muito perigoso / Conversas sobre a cultura chilena e seus ancestrais				
28	02/02/2007	Estrada		
- Encontro com uma nova integrante no aeroporto de Calama / Pedal com a nova integrante da equipe / Grupo novo, novas energias, outras interações / Energia feminina / Acampamento na estrada muito frio / Compartilhar alimento / Nova configuração do grupo, novas relações... um outro todo!				
29	03/02/2007	San Pedro de Atacama		
- Ponto de encontro mundial, várias culturas e o povo atacameño / Polícia severa e acampamento clandestino / Leis duras e falta de flexibilidade / Tudo muito caro				
30	04/02/2007	San Pedro (Puritama)		
- Depois de um dia de trabalho, pedalamos de noite de baixo do céu mais estrelado do mundo / Uma cachorra nos adotou e seguiu viagem conosco /				
31	05/02/2007	San Pedro de Atacama		
- Banho em águas termais a mais de 3 mil metros de altitude / Vários problemas e falta de infra para resolve-lo (SORTE) / Encontro com um nativo solitário do deserto que nos ajudou, modo de existência antigo / Privatização e exploração das belezas naturais pelos próprios Atacameños.				
32	06/02/2007	San Pedro de Atacama		
- Dia de descanso sem pedal / Conhecer a cidade e colocar o trabalho em dia				

33	07/02/2007	S. P. A. (Laguna Cejas)
<p>- Banho na Laguna Cejas, alta concentração de sal / Lugar muito bonito e hostil / Conflito na hora do acampamento, um dos integrantes queria continuar procurando os Ojos del Salar, enquanto outro queria parar e acampar em qualquer lugar / Desconforto por causa do sal / Fome / Cansaço e sede e um solo de sal duro, irregular e pontiagudo para acampar.</p>		
34	08/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Pedal pelo Salar de Atacama / Mergulho nos Ojos del Salar, uma piscina de água quase doce no meio de um deserto de sal / Mau estar de pedalar no salar, muito calor, o sol refletia no claro, muito desconforto / Sensação de conexão com o mundo.</p>		
35	09/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Aniversario de um dos integrantes / Comemoração com um grupo de jovens chilenos, música e vinho / Descanso do pedal</p>		
36	10/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Dois integrantes foram passear de carro / Os outros dois aproveitaram para organizar as coisas e dar uma geral nas bikes, inclusive consertar a bike de um deles (Cooperação). / A nova integrante voltou para Calama de ônibus para embarcar de volta para o Brasil.</p>		
37	11/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Estudo das possibilidades para cruzar a fronteira do Chile com a Bolívia / Vontade de pedalar, mas reconhecemos que o trajeto seria muito arriscado devido as grandes distancias sem absolutamente nada no caminho, o frio e as altas altitudes / Festa no deserto (proibição da polícia e resistência da juventude) / Descoberta de uma fonte de água em San Pedro de Atacama. / Visita ao museu arqueológico / Malabarismo da praça.</p>		
38	12/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Pukará de Quitor (http://www.sanpedroatacama.com/mapas.htm) sitio arqueológico, dar uma olhada... / Encontro com Lili / decisão de pegar o trem para cidade de Uyuni.</p>		
39	13/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Vale da Lua / Encontro com Brazuks e convite para passear de carro no dia seguinte.</p>		
40	14/02/2007	San Pedro de Atacama
<p>- Geisers de Tatio na madrugada – 4,5 mil metros de altitude, frio e mau estar / Mais um espaço Matriztico criado, muitas histórias e momentos agradáveis com um casal de cariocas.</p>		
41	15/02/2007	Clama
<p>- Madrugada na fila, conflitos / Passagens esgotadas, carnaval de Oruru conflitos / Mudança de planos, rumo a La Paz de ônibus para continuar o pedal de lá / Lili viajando junto / Problema com o embarque das bicicletas no busão e ajuda de novos amigos.</p>		
42	16/02/2007	Iquique / La Paz
<p>- Chegamos em Iquique e embarcamos para La Paz / Problema com o embarque das bicicletas no busão e ajuda de outros amigos / Propina vacina contra febre amarela / Contato com outra cultura / Notícia sobre o deslizamento de terras na única estrada que liga o ocidente ao oriente Boliviano / Muita chuva / Lili decidiu continuar conosco.</p>		

43	17/02/2007	La Paz
- Dia livre para passear pela cidade / Manifestações culturais e sociais de reivindicações /		
44	18/02/2007	Copacabana
- Lago Titicaca um lugar mágico, cultura Aimara.		
45	19/02/2007	slã del Sol
- Pedal para slã del Sol, encontro e pedalar junto com um nativo, Lili alugou uma bike / Fomos enganados no barco, construtor de barco de Totora / Aventura de verdade, de baixo de muita chuva e um frio de cortar a pele, tivemos que praticamente escalar uma montanha a 4 mil metros de altitude com nossas bicicletas pesando aproximadamente 30 kg. Lili não agüentou, deixou sua bicicleta para trás e foi na frente, amarramos a bicicleta dela numa árvore e continuamos para no dia seguinte voltar e resgatar a bike dela.		
46	20/02/2007	slã del Sol
- De manhã cedo um dos integrantes foi resgatar a bike de Lili e se de surpreendeu ao não encontrar nada, tentou procurar a bike sozinho, mas falhou e voltou para nos avisar. Encontramos a bike e vivemos um conflito intenso entre o ladrão e o grupo / Barco de Totora		
47	21/02/2007	Copacabana
- Fomos num bar ouvir música.		
48	22/02/2007	La Paz
- Passeio pela cidade, museu.		
50	23/02/2007	Cochabamba
- Passeio na praça, conhecemos alguns movimentos sociais.		
50	24/02/2007	Deslizamento
- Pedal na roubada / Informações equivocadas / relações de exploração (carona) conflito, apelo para Deus em conflito / Situação de perigo, guerra de água /		
51	25/02/2007	Santa Cruz de la Sierra
- Planejamento para voltar para casa		
52	26/02/2007	Santa Cruz de la Sierra
- Comprar passagem logo cedo.		
53	27/02/2007	Corumbá
- Volta de trêm.		
54	28/02/2007	São Paulo
- Final da TRIP.		

2. Mapas das duas “Cicliaviagens”

